



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

RELATOS E NARRATIVAS A'UWE XAVANTE EM DIÁLOGO COM A
EDUCAÇÃO ESPECIAL

Graduando: Eudócio Tserewiwe Wawemra

Orientadora: Prof^ª Dra Cristina Broglia Feitosa de Lacerda

Co-Orientadora: Adriana Maria Corsi

São Carlos

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

RELATOS E NARRATIVAS A'UWE XAVANTE EM DIÁLOGO COM A
EDUCAÇÃO ESPECIAL

Eudócio Tserewiwe Wawemra

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito obrigatório do Curso de Licenciatura em
Educação Especial, da Universidade Federal de São Carlos,
sob a orientação da Prof.^a Dra. Cristina Broglia Feitosa de Lacerda
e Co-Orientadora: Adriana Maria Corsi

São Carlos

2021

AGRADECIMENTO DO EDUCADOR DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Primeiramente, me coloco a agradecer a Deus com muita fé, que me incluiu diretamente e primeira vez a minha saída para uma cidade grande e lugar enorme para me crescer nessa Universidade Federal de São Carlos - SP, que é fundamental Instituição, logo após um mês e anos percebendo que ajuda bastante essa universidade e que muda totalmente a aparência para gentileza.

Segundo lugar agradeço a minha família, os pais Agostinho Wawemra e Serena Tsinhotsê, que apontaram o caminho para seguir mesmo depois de negação da minha partida para a grande cidade e que contribuíram na sustentação para minha firmeza na frequência da faculdade.

Aos sogros Bartimeu Dzeremeire e Leontina que colaboraram bastante na redução da dificuldade que aparece na vida cotidiana.

Um grande agradecimento aos administradores do curso da Educação Especial, que se envolviam muito a receber os estudantes indígenas e acolher nas suas atividades e no esclarecimento das tarefas aplicadas pelos professores. Especificamente, agradeço às pedagogas Mariana Cristina, Vanessa Cristina, Adriana Maria e a secretária do curso Beth, que sempre acolheram no atendimento do curso da Educação Especial. Apoiaram bastante em relações às atividades e que deixam queixa na direção certa para seguir e conseguir acabar as atividades do curso.

No caso meu, Eudocio Tserewiwe, tenho agradecimento a uma pedagoga Adriana Maria, uma mulher incansável e grande paciência, ao longo dos anos foi junto com um aluno A'uwe chamando atenção nele nas preparações das atividades, nas orientações para realização das atividades e tomar bastante cuidado nas redondezas da cidade.

Quero agradecer também alguns e algumas colegas que desde o início do ingresso meu a UFSCar, contribuíram a sua vivencia com colegas a'uwe para entender a socialização com os outros e na ajuda dos trabalhos que apareça como difícil de compreender, agradeço alguns amigos fora da instituição que também ajudaram na notificação quando apareça algo importante para seguir firmemente o estudo.

Agradeço imensamente aos meu professores (as) que nenhum (a) deles delas foi negar um aluno indígena a'uwe, justamente e simplesmente colocavam esse aluno a aprender a evolução das atividades para os alunos com ou sem deficiência, assim o estudante do curso da Educação Especial deixa seu maior desejo a agradecer os docentes que ajudaram muito a conhecer as orientações para o atendimento com os alunos com deficiência, que o educador entendeu umas preparações das atividades para aplicação aos alunos da educação especial, que é principal também conhecer as leis do atendimento aos deficientes. Tudo isso foi avançado pelo educador do curso de Educação Especial, pela transmissão da sabedoria dos professores e, por isso mesmo somente agradeço a todos os professores, pedagogas e administradores do curso, com eles e elas me tornei como homem educador verdadeiro do curso de licenciatura em Educação Especial.

Preciso dizer agradecendo especialmente também a minha grande orientadora do meu Trabalho Conclusão de Curso, desde o início do meu projeto e levando anos com muita paciência com educador A 'uwe Xavante da Educação Especial e que essa professora Doutora Cristina Lacerda sempre prometendo que irá dar certo a conclusão do curso, já demonstrando ideias para educador que terá

vaga na escola onde reside e que esse curso com certeza acolherá bastante ao educando da educação especial.

Um grande agradecimento também para a Professora Doutora Adriana Garcia e Professor Doutor Otávio, com muita humildade prometeram a participar e contribuir com suas presenças na banca de defesa do Trabalho Conclusão de Curso.

E enfim respeitosamente e com muita admiração para a grande Universidade Federal de São Carlos, acaba abrindo um caminho inesquecível que existirá na recordação e que deu a oportunidade para a maioria indígena de vários estados e principalmente para o educador de Mato Grosso da Educação Especial que verdadeiramente se desenvolveu e se mudou como educador e justamente mudará para melhor a inclusão das pessoas com deficiência.

"Muita emoção e grande abraço a todos da UFSCar!"

RESUMO

Este trabalho tem início com a minha história de vida na Aldeia Sangradouro, MT, do povo A'uwe Xavante, até chegar na Universidade Federal de São Carlos, como aluno do Curso de Licenciatura em Educação Especial. Com base em artigos sobre a história e a educação do meu povo, publicados por parentes, escrevo sobre o nosso a nossa história, nossa aldeia, a Escola São José de Sangradouro e sobre a Educação Especial. Com o desenvolvimento deste trabalho procuro conhecer como vivem as pessoas com deficiência na aldeia Sangradouro e refletir sobre a possibilidade de ajudar na integração social dessas pessoas. Por meio de conversas informais com parentes e pessoas com deficiência, apresento um pouco de suas histórias e de como vivem na aldeia. Tendo também uma filha com diagnóstico de Deficiência Intelectual, descrevo em profundidade suas relações familiares, suas atividades e o seu desenvolvimento. A partir de um plano desenvolvido para minha filha, descrevo a realização de atividades envolvendo histórias, diálogos, rotinas e convivência com a família e na aldeia.

Palavras Chave: Educação Indígena A'uwe Xavante; Educação Especial; História de Vida

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Genetograma familiar	08
Figura 2 -Mapa que mostra as divisões administrativas do estado do MT, Brasil.....	09
Figura 3 - Aldeia Sangradouro e Missão Salesiana de São José.....	10
Figura 4 - Aldeia Sangradouro	10
Figura 5 – Algumas atividades práticas durante o curso de Lic. em Educação Especial.....	18
Figura 6 – Turma 2015 se preparando para Formatura	Erro! Indicador não definido. 19
Figura 7 – Professores e TAs da Licenciatura em Educação Especial.....	19
Figura 8 – Alguns amigos na cidade de São Carlos	20
Figura 9 – Rios do Mato Grosso, Brasil	23
Figura 10 –. Aldeias Xavante	24
Figura 11 – Ói ’ó - Luta de raiz.....	27
Figura 12 – Wa’i – Luta corporal	28
Figura 13 – Uiwede - Corrida da tora de buriti.	29
Figura 14 - Dapo’redzapu - Furação de orelhas	29
Figura 15 - Wai’a - Força poderosa.....	29
Figura 16 – Escola São José.	33
Figura 17 -. Distribuição de doações na Aldeia	41
Figura 18 -. Filhas e Filhos.....	50
Figura 19 – Atividades da Karine.....	58

Sumário

INTRODUÇÃO	8
2. O povo A'uwe Xavante	22
2.1 Contextualização histórica	22
2.2 Aldeia de Sangradouro	23
2.3. A organização da aldeia A'uwe Xavante	25
2.4 EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: Breve histórico	30
2.4.1. O Sistema Educacional Xavante	30
2.4.2. Os Xavante e a Sala de Aula	31
2.4.3 A Educação Indígena e a Educação Especial	33
Meu Problema de pesquisa.....	34
OBJETIVOS DA PESQUISA	35
3. Metodologia de Investigação	35
3.1 A Educação Especial na Aldeia Sangradouro.....	36
3.2 Sobre a pessoa com deficiência na Aldeia Sangradouro.....	38
O Suporte da Família	38
Aprendizagem da Linguagem e escrita indígena A'UWE	39
Um pouco de relato sobre as crianças a'uwe típicos.....	39
3.3 Sobre as pessoas do público alvo da Educação Especial na região de Sangradouro – MT Centro-Oeste.	40
3.3.1 Conhecendo mais sobre criança Karine e sua família	49
3.3.2 Ações sugeridas:.....	55
Para finalizar.....	58
REFERÊNCIAS.....	59

INTRODUÇÃO

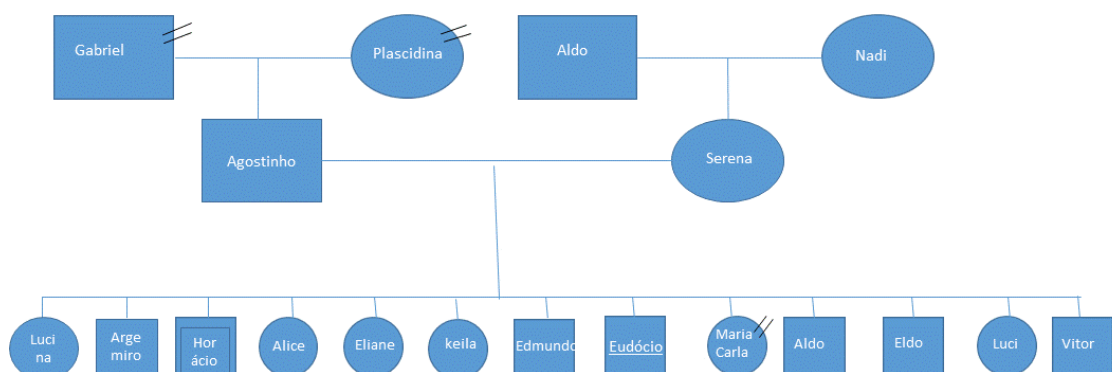
Minha origem e minha família

Meu nome é Eudócio Tserewiwe. Sou o oitavo filho, antes de mim são 4 mulheres e 3 homens, depois de mim são 3 irmãos e uma irmã (já é casada e tem uma filha). As 4 irmãs mais velhas são casadas e tem filhos, duas já tem netos a (Lucina e Alice) a Eliane não tem neto ainda e a Keila também não tem neto ainda. Só um irmão caçula não é casado ainda.

O pai do meu pai, meu avô, se chamava Gabriel Tseretsu e a mãe do meu pai se chamava Placidina, envelheceram demais esses anciãos e faz tempo já que não estão presentes com a família deles, mas podem estar com os Anjos e no mato invisivelmente. Os pais da minha mãe estão vivos ainda. O meu avô tinha pai e morreu antes de nós crescermos e somente algumas histórias ouvimos dele. Esse senhor Jerônimo Tsawe Tsõwa õ, ele era o pai do meu avô materno, esse avô se chama Aroldo Tserewarã e a avó é Nadir. Eles são mais velhos agora, mas minha avó trabalha ainda com os afazeres da casa, lavar roupas ou algumas vezes prepara a cozinha no fogão e o avô trabalha na construção das materiais tradicionais auwe xavante, essas ferramentas são flechas, gravatas e pulseiras de cordinha tradicional.

Meu pai se chama Agostinho Wawêmra Tseretsu e minha mãe se chama Serena Tsinhotsê, ele trabalha como motorista na área da saúde indígena em Mato Grosso, em uma região Aldeia Sangradouro e ela é aposentada. Eles moram em uma aldeia nova e pequena na reserva de Sangradouro, chamada aldeia Sorriso. Ali somente minha família mora: pai, mãe, irmãos e irmãs, cunhado, sobrinhos e sobrinhas.

Figura 1 - Genetograma familiar

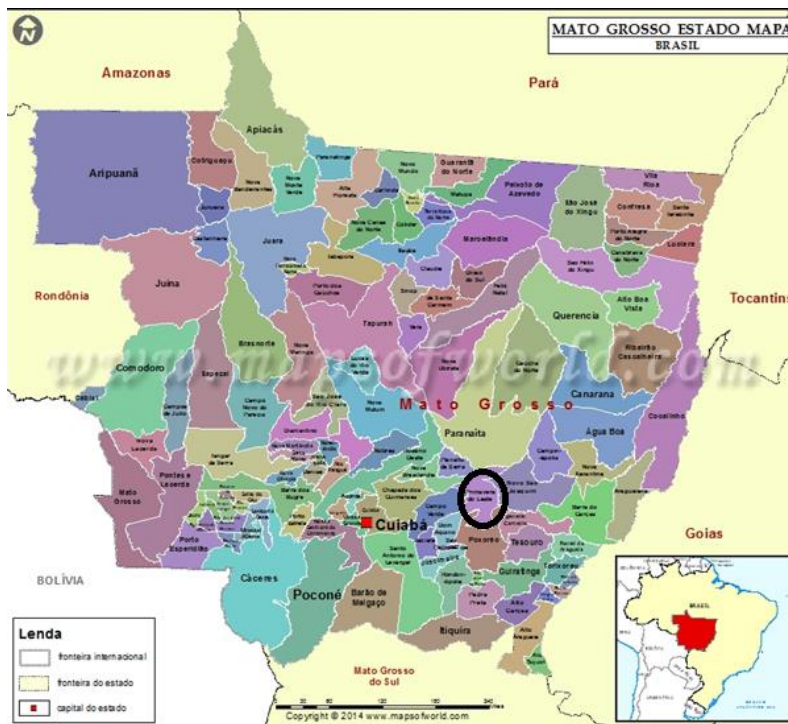


Fonte: produção do autor

Duas irmãs mais velhas moram com suas filhas e netos, genro delas também, mas somente a mais velha tem netos e neta a outra não tem ainda, somente em ano 2021 teve um primeiro neto de uma filha. Agora elas moram sozinhas, após o falecimento de um homem que era esposo delas. Ele era o professor, por conta da morte as coisas ficaram um pouco difíceis como a sustentabilidade da casa e principal a família, tanto a comida e outras coisas das energias. Minhas irmãs conseguem arrumar poucas coisas para comer, elas têm pouca renda para cuidar de suas filhas e filhos, que no total são 9 e mais netos e netas, que são 4 crianças.

As famílias da minha mãe e pai moram em uma aldeia pequena construída recentemente e lá trabalham com plantas e fazendo outras coisas. É onde minha mãe e pai moram com suas filhas e netos e genro, meu cunhado. Somente eles moram nessa aldeia que se chama Sorriso. Apenas de vez em quando os filhos que moram separadamente em outro lugar fazem visitas na aldeia e se encontram na região de Sangradouro, cidade Primavera do Leste, no Estado do Mato Grosso. Não é muito distante para a família se visitar.

Figura 2 - Mapa que mostra as divisões administrativas do estado do Mato Grosso, Brasil.



Fonte: <https://pt.mapsofworld.com/brasil/estados/mato-grosso.html>

A Aldeia Sangradouro onde a comunidade reside tem forma redonda e é enorme sim. Em 2020, aproximadamente 2.397 pessoas habitavam na aldeia.

Figura 3 - Aldeia Sangradouro e Missão Salesiana de São José



Fonte: Imagem capturada no Google Earth

Figura 4 - Aldeia Sangradouro



Fonte: Imagem capturada no Google Earth

Nossas condições de trabalho

Minha família não tem muito trabalho, como algumas irmãs não tem serviço e cunhado ainda não, mas está seguindo o curso para Agroecologia, e trabalha em alguma fazenda como

servidor de carregar troncos de madeiras. Tem irmão que é professor e que mora em outra aldeia de outro município. A aldeia dele chama-se Arimatéia e lá tem várias aldeias. E agora tenho irmão mais velho que é professor também, que fez curso no ensino médio, e tem outro que é professor de EJA de outra aldeia na reserva de Sangradouro e de município de Poxoréo. Eu vou ser professor também, e tenho um irmão que talvez vá trabalhar como motorista que ele prefere, tem dois irmãos também mais novos, um é casado e não trabalha, o outro é caçula novo e não trabalha, só estuda ainda e a irmã não trabalha, é dona de casa somente, o marido está estudando para ser enfermeiro.

No geral, na aldeia tem professores da escola, diretor, coordenador, trabalhadores de vigilância, merendeiras. Tem os enfermeiros, auxiliar e padrão. Tem também motorista de saúde indígena de sangradouro.

O meu pai sozinho não consegue sustentar minha família que mora com ele, meu cunhado de agora não tem ainda o trabalho para ajudar um pouco e por isso acontece de acabar algumas comidas e outras coisas de bem estar. Mas acostumamos a ficar aguentando a falta de comida que é principal para manter crianças sem fome, muitas vezes sentimos a falta dos alimentos.

Quando eu era criança...

Quando eu era criança, eu gostava muito de brincar de jogar bola com outros meninos, no campo do centro da aldeia ou em frente da casa também, brincava com as meninas de fazer comidas atrás da casa e de esconder dentro de casa. Na aldeia, somos obrigados a trabalhar bastante para buscar água em torneira, carregar garrafas Pet vazias em cesta e pegar as lenhas para fogueira, que é para cozinhar. E tinha aviso: “quem não buscar água, não receberá comida pronta”, só porque não buscou, e por isso nós, os meninos, não ignorávamos a obedecer e ajudar a família no trabalho.

Eu andava também muito longe, acompanhava meus primos e irmãos em algum lugar como se fosse passeio, mas era intenção de andar mesmo ou com a linha de anzol para pescar, mas sem aviso, isso deixou os pais revoltados e assim a gente foi castigado porque os pais não gostavam que nós sumíssemos longe de casa, o castigo foi bater com um pedaço de madeira.

Eu me lembro de acompanhar demais o meu pai até a roça para trabalhar com ele. Eu não aguentava muito, o trabalho era pesado. Meus irmãos eram pequenos e meu irmão mais velho não ia muito e a roça era grande, tinha milho, mandioca, batata e batata doce, amendoim,

abóbora e outras plantas. Essa roça era dos meus avós, separadamente faziam e trabalhavam para que tivéssemos sustento, era muito boa essa roça. Tinha também os roubos, que alguns vão para roubar, tirar algumas plantas sem permissão, e isso deixava meus pais bravos porque não gostavam de roubar coisas de outros.

Na realidade, hoje não tem quase nada para a maioria que mora nessa grande aldeia Sangradouro, quase ninguém tem roça no mato, mas sim atrás da casa e perto do rio e de sua casa. A realização da roça que chamam a roça familiar existe somente onde moro com cacique tio Mário Tsere òmòdzé, juntos construímos uma roça. Para criação da roça o trabalho era no começo do período da manhã e à tarde só o tio vai para observar e, essa roça foi feito de trabalho duro e as ferramentas faltavam, os machados, foices e outros, mas logo realizamos e o tio está cultivando nela. As plantas de sementes são o milho auwe xavante, abóbora, cana de açúcar, mandioca e outras. O pai e a mãe plantam também na aldeia deles onde residem com os netos e filhas e genro, tem várias plantas, como a mandioca, abóbora, caju, batata doce e outras plantas necessárias.

A escola

O começo de estudo do ensino fundamental foi em uma aldeia reservada da região Sangradouro Tsãrã Tsõrehipãrî, o local chamava Cabeceira da Pedra – Cachoeira (Ö 'A 'A).

Nessa morada eu, Eudócio Tsere, comecei a frequentar um ensino fundamental I, seguia estudo com diversas meninas e alguns apresentavam um pouco maior de idade, com dois professores no período diurno, um de matemática e outro de interdisciplinar, com vários conteúdos.

Eles, os professores, ensinavam bastante a cantar, aprender a ler e escrever, e o cálculo é para a gente conhecer princípios de números e contas, não tinha muitos materiais concretos e outros, mas na orientação e das básicas. Aqui começamos a aprender a ler e escrever e também as contas do cálculo e um pouco de português. Era nada para nós, porque não tínhamos contato com o português.

As escritas na lousa eram em português e traduzidas em Auwe xavante. Explicadas em Auwe xavante e respondidas em Auwe xavante, somente algumas vezes respondidas em português como teste da avaliação a escrever em português.

Antigamente, quando eu era pequeno, não sabia o que fazer. Em aulas eu tinha um pouco de dificuldade, porque só na língua materna A'uwe era fácil de entender as aulas e complicava

quando tinha a tradução de língua português para Xavante. Mesmo assim, acabávamos em poucos minutos as atividades e alguns demoravam para realizar as atividades mesmo na nossa língua xavante. Eu só demorava para terminar a disciplina de matemática, até agora não sou bom de matemática.

Também tinham muitas pessoas, eram todos familiares. Infelizmente, acabaram de se expandir e mudar para a região Sangradouro, historicamente por conta da divisão entre trabalho, serviços e outros desentendimentos e desestruturas. Tios maternos, tios paternos, tias maternas, avó, avô e primos. Não se davam muito bem, não se entendiam bem para viver coletivamente.

Logo após, tivemos inclusão na multidão em região Sangradouro e nem sabíamos qual a nossa classe certa, que podíamos enfrentar certamente. Primeiro recorde que uma das professoras nos questionou de qual era o nosso ensino, porém nos colocaram na turma do ensino fundamental I, que éramos pequenos ainda e nem conhecemos a turma da sala. Ficamos sem contato com os colegas, somente a professora nos atendia, aos poucos nos adaptamos e acostumamos a turma onde entramos diretamente nessa primeira inclusão numa escola regular do estado de MT.

Depois dessa, continuamos a estudar nessa escola de São José Sangradouro –MT. Nessa escola era muita gente que permanecia e professores diferentes, servidores e administradores. A escola funcionava com muita organização e contribuição do que agora, os agentes da escola planejavam diversas estruturas para os estudantes não desanimarem e é triste atualmente que minimizou bastante esses planos para os jovens se esforçarem bastante, enfrentar aulas muito contente.

Nesses anos passados, acontecia uma boa estrutura para alunos cantarem antes de entrarem na sala de aula. O canto era do Pai Nosso e da Ave Maria, tinha muitos cantos diversos. Algumas vezes apresentavam um filme antigo de Simarrok e outras que trata algum documentário sobre a crença do próprio A'uxe Xavante, uma religião de onde surgiu esse nascimento e a origem do povo A'uwe xavante. E antes dos alunos receberem a merenda também são obrigados a cantar Ave Maria e Pai Nosso. E algumas vezes acontecia algum evento na escola e todos os alunos eram divertidos. Alguns jovens salesianos chegavam na missão salesiana e alguns deles dirigiam a aula de língua estrangeira como espanhol e alguns dias davam brincadeira, como jogo de bola para quem receber um prêmio. Triste que não tem esses eventos agora para os alunos não desanimarem.

Nessa escola com muita gente, avançamos conhecer e aprender tanto e quanto escritas e leituras, as aulas todas em língua A'uwe-Xavante, poucos professores traduziam em língua portuguesa, os conteúdos eram diversos, trabalhavam as sílabas, o alfabeto e contos das

historinhas de algumas fantasias em língua Xavante. Eu já tinha percebido e tenho lembranças que não é toda turma da minha classe que demonstra sua habilidade mínima nas atividades realizadas e aplicadas pelo professor da sala, mas mesmo assim não deixamos sem apoio a quem está a demorar para terminar atividades e sem lamento diretamente dávamos algum suporte, o professor da sala também nos deixava auxiliar quem apresentava dificuldade na realização da atividade em sala de aula.

Até agora não entendo os meus ex-colegas não saberem o porque tinham essas dúvidas em sala de aula, para compreender os conteúdos dirigido pelos professores A'uwês, na mesma língua materna A'uwe Xavante. Era difícil fazer a tradução do português para a língua materna.

Crescendo

Em Sangradouro, eu era coroinha da missa, porque tinha um homem jovem de salesiano que dava aula de língua estrangeira e eu me envolvi em ajudar o padre que dava missa para a comunidade, eu gostava de participar, mas logo desisti para fazer outras coisas. Da aldeia para o salesiano é muito perto e eu passava quase todo o dia com meu primo e mais algumas pessoas, tinha comigo um parente da etnia Bóróró.

À noite, eu brincava muito. Nos encontrávamos com outros meninos para brincar de atacar outros com um Bombril queimado, um ataca outro e outro ataca outro, às vezes os meninos se machucam brincando nisso, queimam o outro no pescoço ou até brigam sem o outro fazer nada. Durante o dia, nós, meninos da família e conhecidos, tínhamos invenção de uma raiz do capim para atacar uns aos outros, uma raiz um pouco dura e os meninos se enfrentam como a luta de meninos com raiz (ÓI'Ó). Nós não sabíamos o que estávamos fazendo, outros davam apoio nos seus gritos para aguentar, era uma coisa parecida com derrota, mas quem ganha e quem é bravo enfrenta essas coisas de brincadeira dos meninos. As meninas não fazem essas coisas dos meninos, mas já acontecia que alguns não respeitam meninas, acabam brigando ou batendo, mesmo que a menina não aguente enfrentar os meninos. À noite, já participei em vários momentos em algumas festas, com danças de forró e outras imitações das danças.

No ano de 2009, eu já tinha vivenciando na casa dos adolescentes (HO), onde ficam grupos de diferentes idades, dos mais velhos até os pequenos que vão cair no rio, que é último do nosso grupo, e assim se ajunta o grupo e seguem a fase adulta para depois se mudar como homem e ser considerado novo homem. Saí da casa dos adolescentes no ano de 2011, o total do ano que completamos do término da nossa fase de adolescente.

Depois de 18 anos eu me casei, logo depois de terminar a fase de adolescente. Os filhos começaram a nascer..., filhos e filhas. Uma filha tem diagnóstico recente de Deficiência Intelectual. A primeira nasceu no ano de 2013, nenhum diagnóstico de deficiência, depois vieram 6 crianças e somente uma delas apresentou a deficiência e pode ser considerada como Deficiência Intelectual. Desde os 3 anos de idade frequentou um atendimento em clínica da cidade Cuiabá - MT.

A conclusão do ensino médio foi em ano de 2013, na aldeia Sangradouro, em escola do estado.

Adulto

A partir no ano 2014, tive oportunidade imediata para sair trabalhar numa empresa que cuida do asfalto da cidade de Poxoréu. O trabalho durou somente 3 meses desde o início do ano e, logo depois, prestei o vestibular na capital Cuiabá, mas não deu certo, eu não me preparava antes e meu pai queria que fosse enfermagem. Eu não queira essa área e mesmo que gosto não me acho para ter esse caminho.

No final do ano de 2014, mais uma vez, a tentativa de um vestibular em uma cidade São Carlos-SP. Nessa segunda vez foi um momento bastante importante que foi conquistado, passei em um curso de licenciatura em Educação Especial, que, no pensamento era para conhecer as relações e questões da escola e em geral a convivência dos alunos.

Antes disso eu ia me colocar direto para trabalhar como professor em uma aldeia reservada de Sangradouro, aldeia chama se Santa Bertila, onde moram poucas pessoas e onde moro com minha família, mas percebi que não era boa para entrar direto e trabalhar sem ter noções razoáveis nas aplicações das aulas e para dirigir as disciplinas. Assim quando vi meu nome para começar a estudar em UFSCar, os meus pais não permitiram eu sair longe deles e eu disse a eles que a chance não volta após em um segundo, que preferia sair mesmo e aprender as aprendizagens fundamentais, como dar aulas e como manter as crianças em sala de aula.

A escolha para sair é por conta que já fui substituto de um meu primo em dar aula para os menores de 5 anos, na educação infantil, mas eu não sabia o que posso escolher para enfrentar e entender os planejamentos das aulas e atendimento das crianças.

Primeiramente, eu e meu tio paterno fomos informados e envolvidos a prestar vestibular em São Carlos - SP, e os pais também queriam que a gente tentasse esse vestibular e não sabia qual curso escolher para prestar. Primeiro chamei um tio para ajudar na observação com o nome

do curso e ali tinha vários mas apenas me interessava na área da educação. Eu não entendia como era esse curso e nem sabia do que se tratava. Junto com meu tio escolhemos Educação Especial.

Mesmo sem ter entendido o que era a Educação Especial, eu escolhi para entender, vi o nome importante que começa educação e especial, nem tinha ideia o que era o especial. Logo acostumei. O curso mais importante, que orienta muito e que dá as normas da educação, escola, aulas, os cuidados das crianças e os planos para aulas.

Anteriormente, o educador Eudócio, não conhecia as aulas diferentes, porque cursou seu ensino médio em zona rural. Mesmo com muita dificuldade e com pouca língua portuguesa seguiu para realizar seu sonho, mesmo tendo bastante barreira para construir e avançar aprendizagem e conhecimento diferente e fundamental, para depois voltar para sua terra e, poderá dirigir facilmente as aulas, respeitando as regras da sala de aula ou da escola. Como os professores ensinavam pouquíssimo na língua portuguesa, passei muita complexidade em mundo diferente como a língua do branco, costumes e entre outras coisas.

Logo achava que era o único caminho para seguir e que era oportunidade de estar conhecendo as principais normas da escola, da sala de aula e atendimento com os alunos, principalmente para dialogar com os alunos com mais capacidade e com mais orientação e o fundamental respeitar as leis da escola, do aluno e dirigir aulas com melhor experiência. Tratar alunos como parceiros e outros, sempre renovando os planos de ensino e mais.

Quando cheguei na UFSCar

Quando cheguei na UFSCar, de início foi bem difícil me socializar com os colegas, com os professores e demais administradores do curso, mas com o tempo ficava cada vez mais fácil de conversar e entender aos poucos outra língua, como o português e outras línguas. O primeiro dia na sala de aula foi difícil de ouvir o professor e acompanhar as aulas presencialmente, porque era diferente a aula e como os professores conversavam rápido com o português, eu ia pegando devagar e acostumando a entender o professor como fala e como explica a disciplina e trabalhos. Ao tempo com diálogo e questões sobre alguma palavra específica em português, questionava algumas palavras que pareciam difíceis. E assim aprendendo e avançando na língua portuguesa.

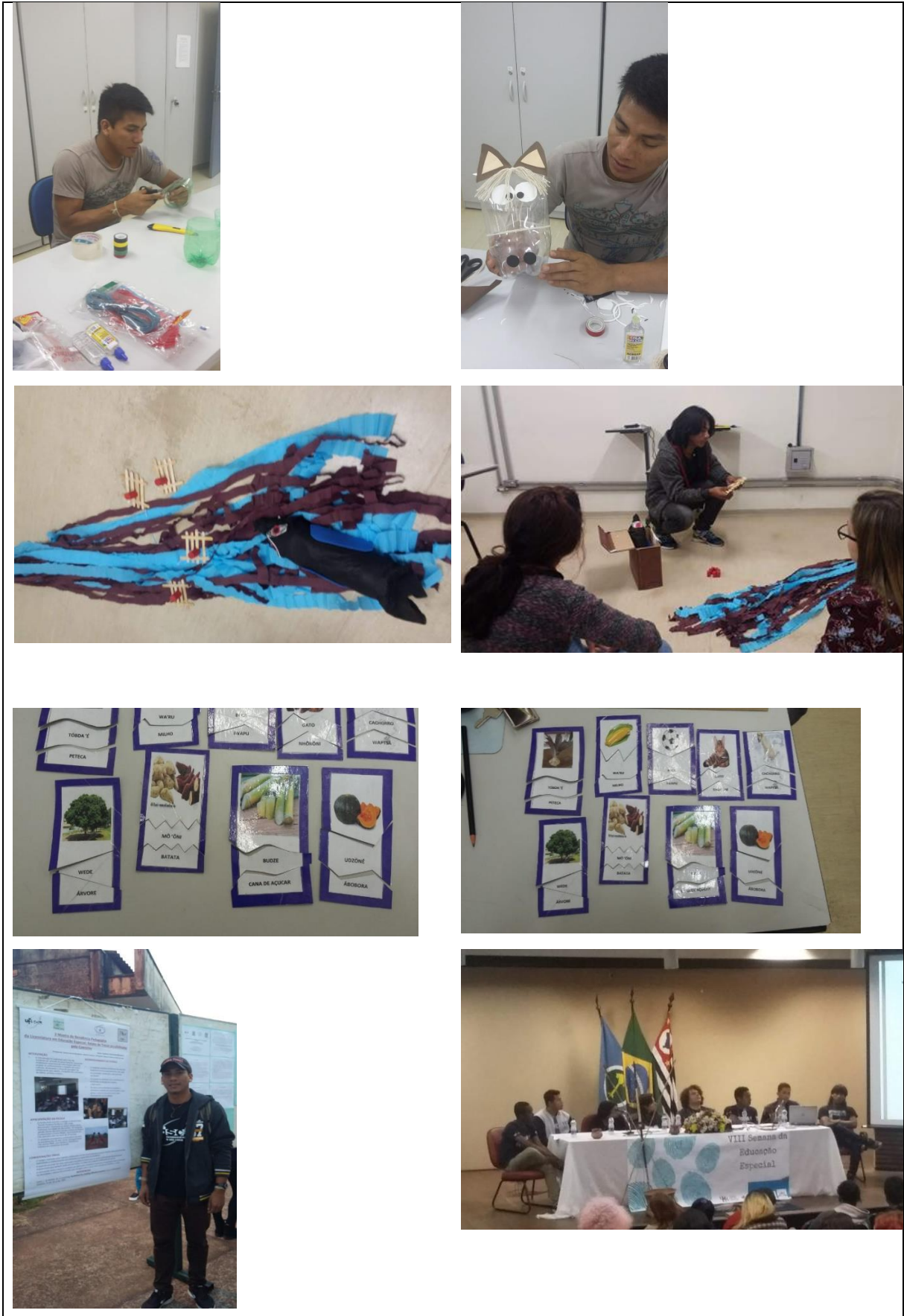
Os alunos não se envolviam a conversar, mas a cumprimentar pode ser primeiro de forma educada. No início do ingresso no curso e na sala de aula com colegas, somente alguns

foram conhecidos e conhecidas, porque alguns não pensam que podem conhecer outro ou outra colega, mas pode ser também normal não conhecer colega. Com os professores normalmente não pode faltar a questão com eles e conversar a tirar dúvidas em relação da disciplina, com os funcionários simplesmente acontece a relação normal, outro cumprimenta ou pergunta alguma coisa.

As aprendizagens foram maiores e mesmo assim precisa mais memorização da aprendizagem, mas foram bastante captadas como os principais conceitos da educação especial, as leis legais, as orientações para sala de aula e o ensinamento sobre o atendimento com os alunos com alguma deficiência, e tanto para atender aluno típico.

Um pouco mais de dificuldade somente com alguns trabalhos para preenchimento de relato dos alunos atendidos e para mandar algum documento para uma secretaria da educação ou para MEC. Apenas pode ser complicado essa coisa para o registro de um aluno quando precisa ser encaminhado para matrícula e ter um espaço de atendimento. Alguns ajustes dos planos de aula podem ser necessários para reafirmação e renovação todo dia, para o trabalho com os alunos com deficiência.

Figura 5 – Algumas atividades durante o curso de Licenciatura em Educação Especial



Fonte: arquivo pessoal

Figura 6 - Turma 2015 se preparando para Formatura



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 7 – Professores e TAs da Licenciatura em Educação Especial



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 8 - Alguns amigos na cidade de São Carlos



Fonte: Arquivo pessoal

Futuro

Quando terminar o curso e voltar para a aldeia, muitas coisas já vieram na opinião que serão realizadas, por exemplo para ter o primeiro atendimento dos alunos da educação especial. Procurar onde moram as pessoas que apresentam a deficiência para serem incluídos em uma sala de aula e serem atendidos diariamente para aprender as coisas novas. É preciso aproximar alguém que prefere conhecer essa área e trabalhar nela ou contribuir no atendimento com os alunos com deficiência. E será uma novidade para a comunidade de Sangradouro, para a maioria dos professores será uma coisa nova que aparece.

2. O povo A'uwe Xavante

2.1 Contextualização histórica

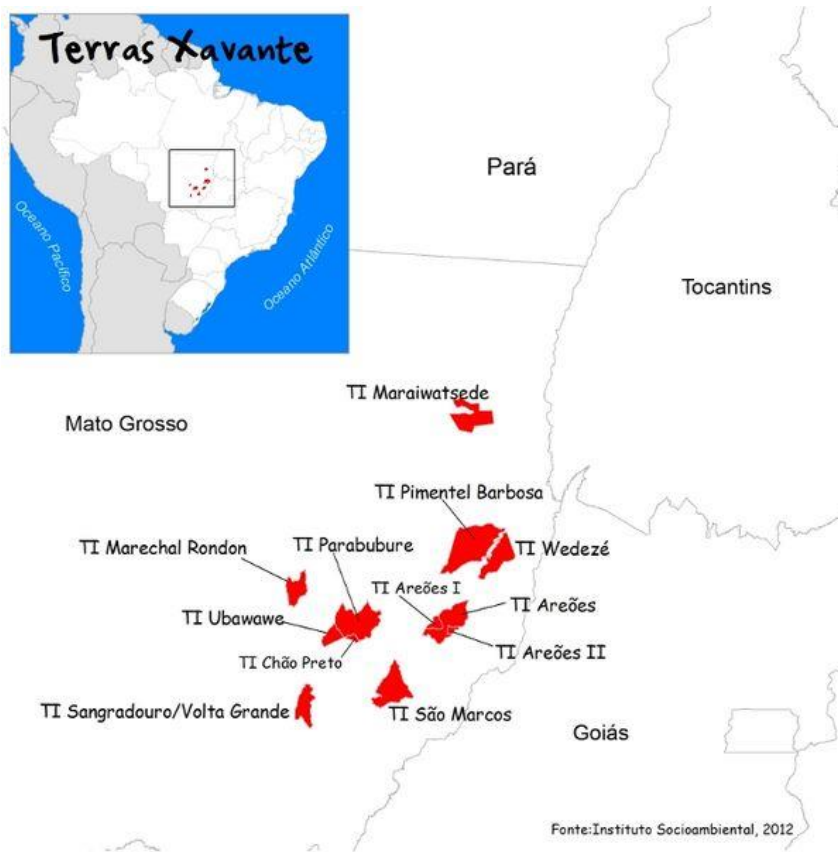
Tsawewa (2016) indica no seu trabalho de contextualização que o povo A'uwe partiu do Rio de Janeiro para a região de Mato Grosso. Quando o povo A'uwe vivia no litoral da beira do mar do Rio de Janeiro, identificavam um local onde moravam como Îte Ró (meu espaço físico). Depois, apareceu um grande ataque e logo o povo A'uwe percebeu a vinda de uma sociedade estranha, perigosa e insegura, ali foi mudada uma palavra (Îte Ró ao Niterói), e povo a'uwe imediatamente foi fugindo para a região de Goiás.

Já em Goiás, em 1750, chegaram os colonizadores querendo tirar a riqueza da terra onde o povo morava. Para tirar o povo indígena da terra, criaram uma aldeia para juntar várias etnias, isso não deu certo porque o povo xavante não aceitava viver com outros povos. Devido aos maus tratos e as perseguições, o povo xavante procurou um novo espaço para morar. Um grupo do povo A'uwe se afastou do Waradzu e cruzaram o rio Araguaia até no estado Mato Grosso. (TSAWEWA, 2016).

O povo A'uwe conta a história do Pedzai'u, quando atravessaram o Rio das Mortes, em Mato Grosso, tiveram um ataque de um boto grande carnívoro, algumas conseguiram passar para frente, os que estavam ainda no meio do rio se perderam por um ataque de boto e outros que não conseguiram atravessar o rio ficaram para trás, procuravam voltar para morar em outro lugar e ficaram do outro lado do rio de Araguaia – MT.

Melchior (2005), que descreveu o depoimento de um xavante, fala que a chegada do grupo A'uwe até Sangradouro foi em fevereiro de 1957 e que mal conseguiam parar em pé, de tanta fome e cansaço.

Figura 10 - Aldeias Xavante



Fonte: www.pt.wikiversity.org

A partir da fala de um ancião, Tsawewa (2016) escreve sobre as transformações que estão ocorrendo na aldeia, como interesse dos jovens em relação à cultura.

No tempo atual a comunidade povo A'uwe sofre bastante. Ninguém procurou direcionar e se responsabilizar para liderar a comunidade, planejar a ocorrência das festas e o cuidado na orientação do povo A'uwe. O Cacique e outros sábios precisam se unir para manter seguro e desenvolver a orientação, valorização e cuidado da comunidade. Também, por conta disso, os jovens se desinteressam na participação da festa e manter viva a característica e identidade da própria tribo. Às vezes, o adulto acaba esquecendo de orientar o jovem, e o jovem às vezes não acompanha o adulto para se conscientizar vivendo a cultura tradicional.

A reunião no centro da aldeia do povo A'uwe Xavante acontece somente com anciões e mais velhos do grupo etário para poder ouvir, compartilhar para seus grupo as normas e planos que depois podem acontecer durante o final da semana. As mulheres podem saber da programação da festa mesmo se não participaram na reunião. Para jovens não é permitido participar na reunião e não pode entrar no meio das conversas dos anciões, porque é jovem ainda e a idade não autoriza a se colocar com adulto, para não ser considerado sem vergonha. Eles ficam sabendo informações pelos padrinhos sobre eventos que ocorrerão na semana marcada.

No centro da reunião (Warã) acontece uma mobilização dos anciões e adultos para poderem organizar, trocar experiências, nos planos da cerimônia tradicional A'uwê. Todos adultos e velhos sábios e mais líderes juntos se responsabilizam para ocorrer organização do dia da semana e poder acontecer um grande evento ou pequena festa para comunidade da aldeia. Tratam assunto importante em questão da relação dos jovens e da comunidade que vivem naquele local e para ser discutidas para melhor superação da comunidade.

As preocupações em relações com os problemas vividos na comunidade indígena A'uwe Xavante, como a saúde e cuidado da comunidade, vem mudando com o tempo. A questão da tecnologia moderna, como celular e TV entre outros, em comunidade indígena A'uwe-xavante, para Tsawewa (2016), pode ser que gere desinteresse e desvalorização da própria cultura por parte da juventude. É importante manter a valorização e viver na cultura, sempre na orientação do ancião e mais adultos experientes transmitindo a geração para não diminuir essa cultura do povo, assim fica forte para conviver nela.

Um censo populacional foi encontrada no posto de Saúde Indígena da aldeia Sangradouro, e foi questionado o responsável do posto de saúde que se chama enfermeiro Andreino Tsipadzato Wete, um líder para sua maioria dos membros da área de saúde. O Andreino é o tio materno e ele é formado em uma Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá. Uma amostra da população de uma região rural Sangradouro que atualmente há 2.397 de novembro/2020.

2.3. A organização da aldeia A'uwe Xavante

Os grupos etários A'uwe Xavante:

Ai'uté pré = criança recém-nascida;

Watébrémi = menino;

Ba'õno = menina;

Ai'repudu = pré-adolescente;
 Adzarudu = moça;
 Wapté = adolescente;
 'Ritéi'wa = moço, rapazes;
 Adabá = moça;
 Danhohui'wa = padrinho;
 prédzamroi'wa = padrinho adulto;
 Pi'õ = mulher adulta;
 ipredu = adulto;
 Ihi = ancião, velho

O nascimento de uma criança é um momento de alegria para toda família. Se a criança for menino, a responsabilidade pelos seus ensinamentos é dos avós. Se for menina, a responsabilidade pela educação é das avós e também das demais mulheres da família, orientando a praticar todas as regras estabelecidas pelos anciões. Tanto os meninos como as meninas ficam aos cuidados dos pais, avós, tios e parentes da comunidade envolvida.

Na sociedade Xavante, de acordo com Tsawewa (2016), não existe uma categoria igual a fase "criança". As fases são diferentes para cada um dos gêneros e não são contadas em anos. A'iuté é usado para a primeira dessas categorias e é a mesma para ambos os sexos. Essa categoria termina quando se tem autonomia de deslocação, a capacidade de comunicação e o fim da amamentação. Depois de a'iuté, as categorias de idade passam a ser diferenciadas para meninos e meninas.

Tsawewa (2016) conta que, para meninos, a categoria seguinte é watebreimi (2-3 até 9-10 anos). Segue-se a categoria airepudu (9-12 anos), para aqueles que, mesmo com algumas transformações biológicas da puberdade, ainda podem brincar com as meninas ou acompanhá-las em atividades domésticas. Mas começam a ser chamados para tarefas com os homens: pescarias, na mata, à noite, e iniciam comportamentos de evitação social.

Os iniciandos à vida adulta são chamados de wapté e a passagem para esta categoria é rápida, tendo os meninos de deixar a sua casa e passar a morar em grupo, numa casa construída para isso (ho). É um período de formação do jovem para quando sair do hõ estar preparado para enfrentar qualquer dificuldade. Os adolescentes recebem conselhos dos padrinhos e de outros anciões que pertencem ao grupo etário responsável pela educação deste grupo. (TSAWEWA, 2016)

Após as fases de vida como watebreimi, ai'repudu e wapté, é designado de aibo logo depois de furação de orelhas. O nome é usado só pelos tios ou tias do mesmo clã para chamar os sobrinhos. (TSAWEWA, 2016)

Tsawewa (2016) aponta que, esse jovem recebe toda a educação tradicional e se torna especialista para educar o próximo wapté. O homem xavante é caçador e guerreiro, precisa desenvolver a sua capacidade de lutar e se aprimorar para ser um adulto capaz de realizar esses papéis. Os meninos experimentam diferentes sensações e sentimentos nas lutas, próprios de um guerreiro, como medo, dor e coragem.

O autor ressalta que, desde cedo, as crianças são ensinadas a entender as dificuldades que virão. Antes do sol raiar, os pais dos meninos Xavante preparam seus filhos para um confronto chamado Oi'o, que significa 'luta de raízes'. No meio da aldeia os meninos lutam, para provar sua coragem e bravura. Quem educa para realizar essa atividade é o próprio pai ou tio que pertence ao mesmo clã Öwawê ou Po'redza'õno.

Figura 11 - Ói 'ó - Luta de raiz



Fonte: internet

Logo quando nasce uma menina, esta é educada na responsabilidade de toda família, menos do pai.

Segundo Tsawewa (2016), as meninas são educadas conforme a tradição, sob orientação das mães, aprendem a tomar conta da casa e da roça, a fiar algodão e coletar raízes na mata, até atingir o casamento, aos 17 anos aproximadamente. Após a categoria de idade ai'uté surge a ba'õno, que abrange as meninas até os dez ou doze anos. Há uma subcategoria ba'õtõre, que

vai até aos quatro ou cinco anos. Passa à categoria adzarudu, quando o corpo começa a evidenciar as transformações biológicas da puberdade, entre os dez e os doze anos.

No cotidiano, as ba'õno mais velhas e as adzarudu mais novas fazem coisas parecidas: acompanham as suas mães nas tarefas da roça, casa e rio, cuidam dos irmãos menores e brincam com as outras crianças.

Quando a moça se casa, recebe o nome de tsõiba (recém-casado) até quando o casal quiser. Quando nasce o primeiro filho, recebe o nome de pi'õ que fica o resto da vida.

Os pais da menina deixam uma marca no rapaz escolhido, enquanto criança, adolescente ou durante o ritual de furar orelhas, para ser noivo de sua filha. Uma cordinha é amarrada na cintura do menino durante a dança ou ao comer um bolo na casa dos pais. As crianças não sabem desse segredo e só vai reconhecer a sua marca de ser noivo ou comprometido, somente depois que acabar o ritual da perfuração de orelhas. (TSAWEWA, 2016)

As crianças Xavante criam, escolhem, inventam, explicitam, renovam sua percepção do mundo. A criança é um agente ativo essencial à dinâmica da produção e transformação do mundo adulto. (TSAWEWA, 2016)

Os rituais são importantes para educar meninos ou meninas: uiwede (corrida da tora de buriti), wa'i (luta corporal), dapo'redzapu (furação de orelhas), pi'õnhitsi (nominação feminina) e wai'a (força poderosa).

Figura 12 - Wa'i – Luta corporal



Fonte: internet

Figura 13 - Uiwede - Corrida da tora de buriti



Fonte: internet

Figura 14 - Dapo'redzapu - Furação de orelhas



Fonte: internet

Figura 15 - Wai'a - Força poderosa



Fonte: internet

2.4 EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: Breve histórico

A constituição brasileira atualmente garante aos indígenas uma educação respeitosa de suas línguas e culturas, de seus modos próprios de viver e pensar, valorizando seus conhecimentos e os processos próprios de sua produção e transmissão.

Assim, passam a reconhecer também o direito a “educação diferenciada e específica, intercultural e bilíngue” (BRASIL/MEC, 1998)

A educação escolar indígena no Brasil vem obtendo, desde a década de 70, avanços significativos no que diz respeito à legislação que a regula. Se existem hoje leis bastante favorável quanto ao reconhecimento da necessidade de uma educação específica, diferenciada e de qualidade para as populações indígenas na prática, entretanto, há enormes conflitos e contradições a serem superados(...). Para que o tratamento dado pelas políticas públicas à questão da educação escolar esteja em consonância com que as comunidades indígenas, de fato necessitam, é preciso que os sistemas educacionais estaduais e municipais considerem a grande diversidade cultural e étnica dos povos indígenas no Brasil e revejam seus instrumentos foram instituídos para uma sociedade que sempre se representou homogênea. Sem que isso aconteça, dificilmente poderão ser viabilizadas. (MEC, educação escolar indígena, p.11/12,1998)

2.4.1. O Sistema Educacional Xavante

No sistema educacional Xavante, segundo Giaccaria, 1990, a formação se inicia quando o bebê nasce. Os pais repassam todo o conhecimento que possuem para seus filhos, em cada etapa terá alguém que instruirá de forma mais adequada para o período. É um sistema informal, gradual e contínuo.

O Xavante tem um sistema educativo próprio. Esse sistema educativo abrange todo o arco da vida, desde o nascimento até a velhice. O sistema educativo não é limitado a um lugar determinado, mas se desenrola no dia a dia, e tem momentos fortes nas várias celebrações das diferentes iniciações. (GIACCARIA, 1990, P.17)

A criança é inserida num grupo na segunda etapa de idade. Os meninos são educados a viver em grupo, e o ensino e todo o conjunto de noções é transmitido por um outro grupo, sob vigilância dos pais e dos velhos.

Ainda de acordo com a autora, a terceira etapa é quando o Xavante está inserido na comunidade definitivamente. O Xavante é educado desde que nasce a viver em grupo, o que se evidencia nas danças, cantos, jogos

Toda a educação Xavante, tem como objetivo não tirar de forma alguma, a liberdade e a espontaneidade de cada membro da comunidade, todos devem se sentir muito livres em todos os âmbitos. Tudo o que apresentamos delinea muito bem, a pedagogia Xavante juntamente com seus valores educacionais, como vimos, tudo está ligado profundamente com o dia a dia do indivíduo, a comunidade se auto-responsabiliza em educar a criança quando acaba de nascer, não deixando tão somente por conta dos pais, ou familiares mais próximos, observei na pesquisa, que isso é de máxima importância, pois, essa visão recíproca, fortalece ainda mais os valores educacionais e pedagógicos da cultura.

Os primeiros educadores são os pais e os avôs paternos e maternos e depois os tios do mesmo clã. Para os Xavante, ensinar é explicar oralmente os significados e educar é aprendizagem, vivenciar os ensinamentos que receberam.

A escola ocidental representou uma contradição. De um lado, mexeu com o ser da pessoa dos Xavante e fez com que fizessem esforços para participar das aulas e acompanhar os professores não-indígenas. Por outro lado, a escola condena o nosso comportamento, o nosso modo de ser, a nossa maneira de ser diferente, porque os nossos indígenas em geral são fechados. (...). (TSI'RUI'A, 2012, p. 175).

A escola na comunidade indígena de Sangradouro, para Tsi'ruí'a (2012), deve ser entendida como promoção da vida na comunidade, com a contribuição ativa dos diversos indivíduos, com informações e conteúdos necessários para um relacionamento igualitário.

2.4.2. Os Xavante e a Sala de Aula

Em 1960, com a primeira turma de Xavante em sala de aula, o problema era como alfabetizar alunos com culturas diferentes, língua completamente desconhecida e que não entendiam o português. Professores e alunos tiveram que descobrir as palavras por meio de gestos e mímicas. No fim do ano, já havia uma cartilha bilíngue.

Criação Oficial da Escola Indígena A'uwê-Xavante de Sangradouro

De acordo com Tsi'ruí'a (2012), a escola estadual Sangradouro foi criada oficialmente no dia 26 de agosto de 1974, pelo Decreto nº 2.179, a escola estadual de Sangradouro, com o regimento de caráter peculiar para Indígena e o seu processo cultural. Esse fato é muito importante, pois tudo estava somente nas mãos dos salesianos. A partir de 1975, a escola passou a receber ajuda financeira do estado, mas a parceria com os missionários ainda permaneceu, sendo eles administradores e organizadores de todas as estruturas pertinentes a educação indígena. Em 1983 a escola conta com 8 salas de aula, fazendo as crianças e adolescentes todo o curso primário: da 1ª a 8ª séries, somando um total 112 alunos, 15 professores, 5 funcionários para serviços diversos e o Diretor.

A Pedagogia Xavante

Hoje a escola de Sangradouro tem aproximadamente 400 alunos, distribuídos em dois períodos, com professores e coordenadores índios, seguindo um currículo indígena. A escola é, oficialmente, bilíngue. O fato de encontrar mais fáceis as explicações na língua xavante leva os professores a falar mais na língua indígena, tornando difícil para os alunos o domínio do português. Isso torna difícil a boa comunicação com os “não índios” e a continuação dos estudos em nível superior. (MELCHIOR, 2008)

Para Melchior, a educação indígena não supre todas as necessidades para os indivíduos e a comunidade poderem sobreviver. É necessário uma intervenção externa, que complete e ajude a educação tradicional. É absurdo colocar numa escola de índio um professor ou professora que não conheçam a fundo a cultura dos próprios alunos.

A escola numa aldeia tem que se abrir e interagir com a vida cotidiana da aldeia. Não tanto o modo exterior, mas o espírito. No início, é difícil provocar um diálogo com os alunos xavante, porém é uma caminhada que deve ser construída gradativamente. (MELCHIOR, 2008)

Sangradouro não está mais sob a responsabilidade da Missão Salesiana, mas dos próprios indígenas A'uwe. Os missionários ficam ao lado deles, oferecendo algumas sugestões e apoio. Assim, a alfabetização em língua materna, como acontece em Sangradouro, deve ser assumida como fortalecimento e enriquecimento da língua, até a pouco praticada apenas oralmente. (MELCHIOR, 2008).

Figura 16 - Escola São José Sangradouro



Fonte: Arquivo pessoal

2.4.3 A Educação Indígena e a Educação Especial

De acordo com Mendes (2006), historicamente, no século XVI, os deficientes ficavam no asilo ou nos manicômios. Em uma fase de segregação. Já no século XIX, as pessoas com deficiência iam para as escolas mas ficavam separadas em classes especiais. No século XX, a sociedade se preocupou mais com as pessoas com deficiência, porque os soldados voltavam de

guerras com a lesão na perna e sem braço. As pessoas com deficiência fizeram movimento a ter direito social, de participar em lugares e a ter acessibilidade.

Antes, as pessoas com deficiência eram integradas em escola mas ainda ficavam separadas e não tinham nenhuma adaptação para seu atendimento. Ainda falta a escola preparar o acesso para pessoas com deficiência serem atendidos.

Para incluir as pessoas com deficiência a escola precisa se mudar, ter acessibilidade, a escola precisa também os profissionais para atender as crianças com deficiência. Na década de 90, nos Estados Unidos, começou a discussão da inclusão das pessoas com deficiências. Duas ideias de inclusão circulavam: inclusão parcial e inclusão total. A Educação Inclusiva: defende que alunos com deficiência devem estar na sala comum, mas com serviços de suporte (sala de recursos, educador especial...) e a Inclusão total: defende que todos os alunos com e sem deficiências devem estar juntos no ensino regular, mesmo aqueles com deficiência grave, severa. Devem ficar em sala comum, eliminando os serviços de apoio fora da sala de aula.

Os marcos mundiais da educação inclusiva foram, em 1990, a realização da grande conferência mundial sobre a educação para todos, em Jomtien, Tailândia; na Espanha, em 1994, foi produzido o importante documento mundial sobre o acesso e qualidade na educação para pessoa com necessidade educacional especial, a Declaração de Salamanca.

A perspectiva da Inclusão Escolar “estabelecia a necessidade de reformulações dos currículos, das formas de avaliação, da formação dos professores e a adoção de uma política educacional mais democrática.” (MENDES, 2006, p.395).

No Brasil do Século XIX, as crianças começaram a frequentar a sistema de educação, em 1950, em primeiro na escola especial. A partir dos anos 70, algumas crianças com deficiências começaram a frequentar salas especiais na escola regular, com modelo de integração escolar. Na década de 90, no Brasil, começa a discutir a inclusão escolar das crianças com deficiências na classe comum, com base na Constituição Federal de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394-1996).

Meu Problema de pesquisa

Atrás de buscar mais informações sobre as pessoas público alvo da Educação Especial, como convivem no meio da sua comunidade indígena A'uwe-Xavante, e como são tratadas, se existiam na sua população, as participações delas em qualquer festa, as interações sociais para poderem acompanhar e participar com os outros envolvidos na sua cultura, mais realizações das atividades afazeres na maioria da sua etnia e as relações ou atendimento na sua própria

família. Se existe a pessoa com deficiência, como desenvolve a sua participação social e a importância do desenvolvimento da habilidade na realização das artes tradicionais?

Além disso, tenho muita preocupação atualmente, na percepção do atendimento e inclusão desses indivíduos considerados o público alvo da educação especial, as pessoas serão atendidas, incluídas, apoiadas, educadas e orientadas, mas, para isso talvez saber como serão atendidas e incluídas no caso na escola que é fundamental. Para estarem em sala de aula, junto com alunos ou em separado, e também na sua aldeia para serem cuidados, deveria ter mais atendimento consciente para o cuidador e para a maioria da comunidade. Ainda somente imaginam como é a situação mais complicada a cuidar uma pessoa com qualquer aparência diferente e intelectualmente atípico. Assim, temos como questão: Como vivem as pessoas com deficiências na aldeia Sangradouro?

OBJETIVOS DA PESQUISA

Objetivo geral

Conhecer como vivem as pessoas com deficiência na aldeia Sangradouro e refletir sobre possibilidade de ajudar na inclusão social dessas pessoas.

3. Metodologia de Investigação

Para este trabalho foram entrevistados habitantes da aldeia Sangradouro que foram narrando para Eudócio Tserewiwe suas experiências e histórias com pessoas com deficiência. Essas pessoas foram escolhidas porque em minha vivência na aldeia eu sabia delas, mas queria conhecer mais detalhes e a história.

A entrevista era uma conversa informal respeitando os costumes da aldeia.

3.1 A Educação Especial na Aldeia Sangradouro

A história antiga da aldeia, já tinha pessoas com deficiência como são cadeirantes e mãos tortas, mas sabem o que pode fazer, dançar e cantar. Uma história bem antiga conta que tinha um homem que não andava, somente vivia em casa, ninguém sabe se esse homem fez sem intenção acabando de queimar a casa e queimou a sua irmã quando ela dormia, e por isso o pai o castigou (matou de uma vez). Meu velho contou que ele acredita que é o criador que nos dá essa pessoa com deficiência e os A'UWE não se negam ou não julgam em aparência. Na época passada, tinham dois homens cadeirantes que andavam com a cadeira de rodas. Um era menino e estava na fase de pré-adolescente, participava no rio com seus pequenos, pulava de cima mesmo sentando numa mesa onde ficava dentro do rio que é para as mulheres utilizarem na lavagem das roupas e outras. Esse menino era carregado no colo de uma pessoa da sua família ou de vez em quando ele descia sozinho ao rio e também com sua cadeira de rodas descia, como o rio tinha subida na volta ele cadeirante era apoiado para levar no colo até a casa. Esse menino se divertia muito, brincava com seus amiguinhos, ele falava bem, sua oralidade era normal, pulava junto com os outros meninos e gritava de alegre junto com menores, era bem respeitado os outros chamavam de nome Del e, assim os menores meninos estão no rio gritando brincando, esse menino logo se socializava com seu grupo de menores de idades. O outro homem é adulto, já estava na fase de moço, ficava apenas em casa de sua família, é apoiado a levar para outro lugar e a participação é negativa, socialização não muito, a mãe dele é mais velha. Esse relato de dois homens, que já se foram por causa da essência do cuidado, responsabilidade, orientação, paciência e atendimento razoável na família e para público.

O povo indígena A'UWÊ, é uma comunidade que procura bastante compreender as valorizações, os cuidados, as orientações, suporte e atendimento tanto na escolarização quanto na comunidade rural, ter grandes responsabilidades do desenvolvimento no atendimento das pessoas do público alvo da educação especial, como pode cumprir os cuidados nas pessoas com déficit para que as pessoas não fiquem muito tempo somente ao lado da sua famílias que é preciso eles também conhecerem a maioria da sua comunidade e participar nas culturas tradicionais A'UWÊ. A comunidade é obrigada a ajudar respeitando as pessoas que apresentam suas necessidades especiais para que a pessoa se sinta integrada com outros e aprendendo as vivencias e interação social. A família é principal a se responsabilizar na interação social e sabendo os apoios e atendimento com a pessoa deficiente e, assim a comunidade pode

compreender as ajudas e respeito às pessoas que procuram se integrar com outros e que sintam vontade de estar na comunidade.

Como ninguém sabia na aldeia Sangradouro que as pessoas da educação especial também podem se interessar estar incluído na sua comunidade ou no atendimento escolar, é preciso muito trabalho, desenvolvendo os acolhimentos das pessoas com deficiência, no ensino regular tem que ter os profissionais da escola e outros para atender aluno deficiente juntamente com outros alunos da sala. Agora a minoria procura e precisa entender a inclusão escolar e atendimento na escola e na comunidade para que essa pessoa não fique em casa sem interagir com outras pessoas que com certeza sintam vontade de estar juntamente com a comunidade e aprendendo os fazeres na participação com a maioria. Que é uma lei agora daquelas pessoas que eram isoladas podem ter atendimento e inclusão escolar, a comunidade precisa também saber o suporte e atender com muito respeito as pessoas com deficiência.

Atendimento e inclusão escolar da pessoa do público alvo na aldeia Sangradouro

A escola precisa bastante se direcionar adequadamente no atendimento das pessoas com deficiência que é muito fundamental para elas serem incluídas na escola e seguir seu atendimento escolar e estar na sala de aula no ensino regular. A segunda coisa é um cuidado com as acessibilidades na escola para as pessoas conseguirem um acesso e ser incluso em sala de aula, estar se integrando com colegas. No mais, é necessário os profissionais ampliarem suas experiências e formação para ter as possíveis ajudas e atendimento com as pessoas especiais, para a pessoa deficiente compreender que está incluso e recebendo atendimento como outros, os professores e outros profissionais são primeiros a alertar seus alunos que podem aprender o mundo, a sua comunidade e culturas tradicionais A'UWÊ, que as pessoas da educação especial pode ter contato também e acesso na cultura tradicional, não pode negando sua própria cultura e vivências ou as histórias dos ancestrais e outros.

Para ter mais clareza um atendimento escolar das pessoas com deficiência é bastante rica uma colaboração dos profissionais e famílias assim terá uma boa ajuda e ampliar atendimento da inclusão escolar, um coensino é principal para os profissionais e outros administradores se unir mantendo umas trocas de experiências para prosseguir possível acolhimento com as pessoas do público alvo da educação especial e essas pessoas frequentando seus atendimentos escolares.

3.2 Sobre a pessoa com deficiência na Aldeia Sangradouro

Existem pessoas de diversas faixas etárias de 03 a 40 anos no máximo, que muitas vezes algumas famílias ou alguns médicos não percebem, que apresentam suas necessidades, ou poderia ser uma pessoa com deficiência (intelectual, auditivo entre outros) muito isso não recebem um diagnóstico de pessoas com deficiências. Podem conhecer facilmente o que e qual pessoa representou sua necessidade especial, o cuidado diariamente da pessoa com deficiência, algumas famílias irão percebendo alguma possível ajuda e atendimento, se esclarecia no momento algumas relações e preferências daquela pessoa considerada com deficiência, alguma coisa aparecia através das brincadeiras junto com a pessoa deficiência, no acompanhamento em dia a dia da família ou a comunidade também desenvolverão mais compreensão.

Algumas pessoas que apresentam sua dificuldade de se interagir com outras ou na comunidade, famílias poderiam estar junto com a pessoa deficiente, assim a pessoa estaria se acostumando uma interação social e alguma participação nas festas tradicionais da aldeia, se é na festa dos iniciantes da fase dos adolescentes (luta corporal, corrida de buriti e festa do homem) tudo isso algumas pessoas da educação especial também podem participar ajudando seus grupos e entender a participação com mais organização da comunidade. Para tanto, o principal da família e comunidade é entender e dar suporte para poder existir um grande respeito da inclusão social dessas pessoas com deficiências que podem também participar e ter possível acesso no grupo e participar nas festas.

O Suporte da Família

A família é a primeira tanto a orientar quanto a apoiar com seus membros ou com a pessoa com deficiência, a família se responsabiliza para atender a pessoa que apresentou sua necessidade especial a manter bastante atenção na inclusão social e visualizar a interação na sociedade do indivíduo com deficiência. A família de vez em quando parecia diminuindo paciência no cuidado diário da pessoa que sinta dificuldade de viver com outras comunidades. A família orienta que tem família da educação especial, a entender convívios do membro da família e o membro da maioria, no funcionamento dos planos das normas também das festas a família com a comunidade são responsáveis e orientadores a interpretar as relações das grandes

festas e das participações, assim com muita paciência as pessoas com deficiências desenvolverão suas habilidades de participação juntamente com seus outros participantes e assim os grupos podem entender o respeito das pessoas consideradas deficientes.

Aprendizagem da Linguagem e escrita indígena A'UWE

O povo indígena A'uwe Xavante fala sua língua materna A'uwe, desde de nascimento já é oralizada pelo seus pais em todos os momentos, até os parentes de sua família sustentam e ensinam a verbalizar, a família ou pais conversam sobre qualquer coisa com seus pequenos e assim a pequena cresce ouvindo e vivendo na família e após isso em comunidade de sua morada.

E as pessoas consideradas com deficiência, precisa ensinar a comunicar ou orientar o que precisa de sua família, para comunicar em todos os momentos em qualquer lugar. A maioria em sua aldeia também demonstra a essência de interesse e não procura ajudar e compreender a dificuldade daquela pessoa o que precisa do apoio para ele também ter a comunicação.

Na escola falta o ensinamento da comunicação (oral e interpretar ou produzir textos), a orientação das linguagens, compreensão do aluno como pode justificar o que pode aprender pelo menos a comunicação e interação social, sem sofrimento. Como pode ensinar para aluno com e sem deficiência a aprender em diversas línguas (A'uwe), mesmo o aluno típico também precisam possíveis aulas de linguagens diferentes para que eles possam compreender tranquilamente. Somente ensinar na ocasião para pequenos e eles aprendem sim, apesar disso pode demorar saber as escritas e leitura o mesmo da sua língua materna e paterna, conhecer como é resistência a línguas indígenas A'uwe e outros, o importante como surgiu o alfabeto e as escritas até para ler e conversar certamente quais palavras existem em sua língua Xavante. Muitos jovens já dizem diferentemente em palavras mesmo com a sua língua materna, seria melhor os jovens e crianças aprenderem palavras e escritas certas. Os docentes podem achar isso, o ensinamento das palavras certas e escritas razoável, para não poder se complicar essa linguagem indígena A'uwe xavante.

Um pouco de relato sobre as crianças a'uwe típicos

Todas as crianças de hoje em dia se parecem espertas, fazem as coisas o que quiserem como brincar, se socializar e são criativas. Se parecem também como desobedientes, andam por todas partes em vários lugares, mesmo quando existe perigos, perigos de feitiços e crime.

Muitas famílias acabam esquecendo de cuidar e orientar as suas e seus pequenos, avisar para se cuidar e não partir para longe porque sem aviso se causa mesmo e após um segundo chega dificuldade dela obedecer a ordem familiar.

Antes um pouco, antes do século 21 era bastante castigo e cuidado, muita orientação e atenção para avançar esforço tanto educação quanto obediente. Atualmente, é muita emoção de não conseguir chamar atenção a criança e orientar para não haver os perigos. Apesar disso, as crianças são sociais e criativas na brincadeira que brincam juntas, dividem as coisas para a outra ou não compartilha, mas isso entre elas crianças A'uwe é normal e elas mesmos pensam a não emprestar brinquedos ou não incluir a outra na brincadeira, se o adulto chamar e orientar obedece ou não diretamente.

3.3 Sobre as pessoas do público alvo da Educação Especial na região de Sangradouro – MT Centro-Oeste.

A lista de todos os nomes das pessoas com situação de deficiência nessa aldeia de Sangradouro e mais nas reservas em outra aldeia “pequeno ou novo” é informada no posto de saúde na área indígena Xavante, com os agentes da enfermagem e mais profissionais não indígenas, que atendem a população indígena em aldeia Sangradouro localizado em Mato Grosso. Como é fundamental compreender mais as informações sobre os indivíduos que apresentaram as suas dificuldades a se manter socialmente com as outras pessoas e provando quaisquer recursos, instrumentos e objetos e pode ser nas competições das festas tradicionais A'uwe Xavante, que é principal e novidade para essas pessoas que se sentem isoladas. Isso para o educador de Educação Especial é bastante rico para trabalhar juntamente com o seu povo A'uwe, procurando mais informações desses indivíduos que estão realmente precisando a interação social e mais atendimento escolar e no ambiente rural. Por isso mesmo, na pequena investigação, a permissão foi dada pelo enfermeiro padrão, no posto de saúde mesmo, que aconteceu um pouco diálogo sobre o atendimento das pessoas com deficiência e logo foi permitido ver toda lista dos dados da população de educação especial residentes na região de Sangradouro e nas outras aldeias. Porém, para focalizar o trabalho, houve uma seleção da comunidade deficiente, somente moradores em Sangradouro foram selecionadas e incluídos no trabalho, para ter possíveis observações dessa população especial. Onde reside e quem é essa pessoa?

Figura 17 – Distribuição de doações na Aldeia



Fonte: Arquivo pessoal

Pessoas com deficiência residentes na região Sangradouro MT.

1. **Ihi 1** – é surdo, nascimento em 1974. Esse indivíduo aparentemente demonstra um diagnóstico de deficiência auditivo, totalmente perdida a sua audição. No relato da mãe dessa pessoa, era adequada a sua audição, frequentava escola regular e era mais habilidoso na disciplina de Matemática entre sua turma, então teve uma doença grave desde a fase pré – adolescente, que causou sua audição até perder ouvido, após do diagnóstico passou a utilizar um aparelho na orelha para facilitar ouvido, mas logo depois acabou perdendo um parêlho que usava, foi usado na família. Desde que ocorreu ficava complicado de orientar ele e acompanhar, mas a família principal a mãe e pai que deram bastante ajuda para diminuir a dificuldade de sua interação social e ampliar sua habilidade de ouvir. Pois o indivíduo desde que aconteceu com ele na audição a família começou a procurar e compreender o uso da sinais caseiros da comunidade, então somente a família que utiliza diariamente os sinais para surdo e assim vivendo essa família que entende qualquer sinal da pessoa, se ele adoecer logo já compreende a preferência daquela pessoa. Esse adulto trabalha, contribui com sua família a acompanhar aguardar sua mãe ou alguém de sua família, esse homem não é incluso nenhuma das escolas, é complicado ainda se incluir na comunidade e participar em algumas festas do seu grupo ou com homens. Ninguém sabe o porque a família não orienta para se socializar na população da aldeia, ou a família pensar para ele frequentar escola mesmo falte atendimento. Talvez participava bastante em qualquer festa, ainda na sua fase após da adolescente.

Essa pessoa atualmente somente vive na casa de sua família, participação é muito pouco de família para popular, não interage ao mesmo tempo, na sua comunidade da aldeia não tem participação na cultura tradicional xavante. Não concluiu os anos escolares por conta da dificuldade de enfrentamento as aulas e construir barreiras como outros alunos, porem ajuda sua família quando a família vai até a cidade e um adulto o acompanha à rodovia para esperar a chegada de suas familiares, outras atividades não realiza muito, é impossível enxergar a realização da tarefa na comunidade e participação social. Acompanha alguém para esperar família que fez compras e ajuda a carregar as coisas para a aldeia, ele não para cidade fazer compras. Como surdo, usa alguns sinais caseiros somente com sua família dentro de casa na solicitação dos desejos, as famílias compreendem os desejos e demanda desse individuo surdo, e adulto solicita seus desejos de comer, repetir mais coisas, se tiver mal saúde, sentimento e outras, a família da bastante contato com ele. Ele não conhece muitas outras pessoas, desconhecido, pois conhece seu parente da família, assim que se aproxima dele e já tenta atender e é mesmo complicado entender ele e ele também procura entender outra pessoa mesmo com a sinalização básica manual. Ele procura contato com outras pessoas da comunidade, mas esse contato nem sempre dá certo porque é difícil entender os sinais caseiros dele. Os sinais são apontando algo que precisa, aponta com seu dedo indicador e para sinalizar alguma coisa, sinaliza de qualquer sinal.

2. **Ihi 2** - nascido em 1982, diagnosticado como Alteração Neurológica (DI). Essa pessoa aparecia como um indivíduo com deficiência intelectual, esse homem também é conhecido que rodava quase todas as casas em volta, ele não trabalha apenas interage socialmente de uma vez só com seu conhecido mas também ele para com qualquer pessoa para trocar ideia ou solicitar um arranjo de um pedaço de fumo e entre outras coisas, quase todo mundo que troca ideia com esse homem, para a maioria aparenta de um louco, indo na direção da pessoa parece querendo prejudicar ou fazer coisa errada, pois nunca aconteceu que ele é maldoso e parecia que sua conversa era inadequada para outros (pessoal). Algum dia apenas, que esse homem se dirija para o posto de saúde receber seu medicamento para tomar, mas quem sabe do que ele podia tomar, de vez em quando bebe uma pinga de cachaça com sua família (primos), homem parou de participar na competição dos homens e em qualquer festa, somente antiga que participava muito com seu grupo, o indivíduo andava sujo mas come na sua família e, como será a inclusão na escola. Esse adulto é possível ouvir e compreender a conversas na repetição e questionar, um pouco baixo que conversa e solta riso. Esse

indivíduo que concluiu toda a etapa de adolescente à idade mais velho, agora reduziu muito a sua participação. Mas ele também seja adulto para os jovens de seu grupo, que já é mais experiente para seu novo grupo.

3. **Aibo 1** - nasceu em 1982, identificado como Alteração Neurológica (DI). UK o nome popular mais conhecido na sua comunidade quanto e tanto para mulheres e homens. Masculino e mais adulto, apresenta sua necessidade especial, como deficiência intelectual e motora. É bem clara a locomoção desse indivíduo, que se locomove em volta da aldeia, visita seu parente ou auxilia no trabalho como buscar água nas garrafas de pet carregada a cesta grande nas costas, de manhã e tarde. Esse adulto comentava que é para ganhar comida que fazia apoio no trabalho com alguns parentes. Também essa pessoa gosta muito a participar no jogo de futebol feminino (mulheres) menos do masculino, merece muito ser “goleiro”, somente para as meninas e ninguém abandona ele. As vezes cansa de aguardar a sua vez de estar como goleiro, mas logo é incluído no lugar de alguém, apenas para se divertir em pouco tempo seu time deixa, para ele realizar seu desejo de ficar no goleiro. Essa pessoa não é incluído também na escola pública da comunidade em aldeia. Mas a pessoa se envolve bastante a participar em qualquer festival tradicional “a’uwe-Xavante”, a maioria conhece muito bem as relações daquela pessoa e sua interação na população. Também realiza qualquer atividade ou serviço como, (buscar água) na sua outra família para receber comidas, assim que ele sinta a falta do alimento ou ficou com fome. Para essa pessoa também é bastante coisa preferida como são: relógio, pulseira, colar ou óculos e sapatos e também algumas vestidas entre outras coisas e, assim que ele encontra, viu ou gostou na pessoa, já solicita direto para ele ter ou poder utilizar, em certo momento ele consegue ganhar algo preferido e se alegra por ter ganhado, e, em outras ocasiões ruins não acontece ele ter o que deseja, a maioria respeitosamente valoriza esse indivíduo como é conhecido da educação especial, a população desse local sabe muito bem a preferência de uma pessoa do público alvo. Ele articula fala inadequada mais rapidez conta e comenta algo da organização (do jogo) ou que ele soube que vai ocorrer em algum dia, apesar, na repetição oral ou a competente que interroga novamente dele, ele tenta deixar esclarecer mesmo a sua verbal atípica e assim fica possível entender o que ele contou que escutou ou foi informado.

Quando está na festa dos homens, os amigos e conhecidos o ajudam e arrumam algumas cordinhas a pintar ele para poder participar, e ele mesmo também se aproxima direto com os outros para solicitar contribuição das fantasias que pode se humanizar com

seu grupo mais adulto. Se faltar arrumar algumas pulseiras de cordinhas a combinação da pintura, ele ou colocam nele direto, algumas se juntam para fantasiar aquele homem que participou na festa, pintam todo e amarram algumas cordinhas, assim esse homem adulto acaba se socializando com o público. A população sabe que a pessoa sempre gosta de participar em qualquer festa do grupo, essa pessoa realiza alguma apresentação na festa com os homens, mesmo inadequado seu movimento físico. Mas ele que está na presença com seu grupo, assiste o movimento no momento, realiza junto com seu grupo, para não se perder segue atrás, um passo de dois pés e movimento dos outros homens que fazem na frente dele para ele ver e conseguir imitar (fazer igual os outros).

4. **Aibo 2** - nascida no ano 1989, diagnóstico de Alteração Neurológica (DI). Aibo 2 é mais conhecido também na sua população onde reside. Aquele homem jovem idade de 30 anos mais jovem ainda, que apresenta sua necessidade especial impedida, pode se considerar como deficiência intelectual, essa pessoa também demonstra sua dificuldade de articular a fala adequada, dessa pessoa tem ideia a retornar questões pequenas assim é interrogado de qualquer coisa simples, para especificar questões já fica complicado a pessoa responder de forma correta, puxando diálogo com ele, esse homem acaba ficando um pouco de atenção, ele mesmo faz também algumas perguntas sem ele se prejudicar da sua pergunta, se aproxima perto e tenta tocar e mexer na sua mão, a pessoa que se presenciou com ele.

Uma vez participou nas festas do seu grupo na inclusão da casa dos adolescentes depois disso acaba de não frequentar a fase de seu grupo, mas foi confirmado que passou a fase adolescente junto com seu grupo. De agora, tem carência bastante a sua interação social e sua participação em algumas comemorações cerimonial tradicional do povo na sua comunidade localizada em aldeia e em qualquer tipo de festas dos homens xavante, o povo que acha que não é necessário e impossível acreditar e identificar a população alvo, que essas pessoas realmente não conseguem aproximações e participação quanto e tanto com outros mais experientes, mas poderia ter participado com acompanhamento, orientação e contribuição, com todo exemplo ocasionado com dificuldade de locomoção, realizava todo jogo e sua participação se desenvolverá.

Mais uma coisa importante, frequentar a escola, inclusão das pessoas do público alvo da educação especial para que avance o número de alunos com deficiência que podem ter atendimento escolar. Porém essa pessoa, dele que falta também a matrícula na escola, mas ele se socializa direto enquanto outro indivíduo se aproxima e troca ideias de maneira

simples e fala anormal, mas é possível caracterizar sua conversa e dá para entender. Essa pessoa realiza algumas atividades de sua família ou apoia menos na comunidade. Esse jovem não realiza algumas atividades como outra pessoa que faz serviço de buscar algumas garrafas de pet para depois receber alguma comida de outra família. Como é mais infantilizada a sua conversa e vivencia com sua família e menos se retira para a comunidade, esse indivíduo fica fora numa cadeira e leva maior tempo sentado, observando em alguns minutos, não brinca muito com as crianças, mas no rio brinca demais com crianças e com mais competente adulto. Com certeza seria muito importante que ele possa ser incluso numa escola regular ou cria atendimento especial para ele e para outros deficientes. Porque é claro que as necessidades e dificuldades de cada pessoa apresentarão menos dificuldades, sua interação pode desenvolver e algumas aprendizagens no momento de fazer atividades e socializando eles com outras pessoas ou alunos da sala e mais pessoa de fora, para isso pode ter mais coisas (recursos, instrumentos e mais objetos) que podem ajudar no desenvolvimento dos indivíduos e contribuir na prática dos docentes.

5. **Ro'ó** - nascimento em 2007, diagnosticada com alteração neurológica e de locomoção. Uma menina de 12 anos de idade, pré - adolescente, que apresenta sua maior necessidade específica, como cadeirante e mais fala inadequada, sua interação social muito negativa e carente, somente a família toma conta do cuidado, não é incluída na escola regular, toda vez é deixada fora, fica sozinha em alguns minutos sentada na mesa. O pai dela tem veículo, a mãe dela visita sua família e a irmã dela também é sociável, apenas ela Ró ó, é bastante complicado dela se locomover com outras famílias ou fazer visitas com sua vó e famílias.

6. **Bodi 1** - nasceu em 2007, diagnosticado clínico Microcefalia.

Não consegui ter contato mais próximo com essa pessoa.

7. **Tsere** - nascida em 2014, Diagnosticado Alteração Neurológica, Locomoção.

Não consegui ter contato mais próximo com essa pessoa.

8. **Bodi 2** - nascida em 2006, considerado clinicamente Alteração Neurológica (DI).

Não consegui ter contato mais próximo com essa pessoa.

9. **Karine Rêdza** nascida em 2014, clinicamente diagnosticada Alteração Neurológica (DI). A menina de 5 anos de idade, residente na outra aldeia com sua família, também da mesma região na maior população de Sangradouro, demonstra claramente sua característica

específica de deficiência visual e mais atraso verbal. A dificuldade física melhorou, também a fala é articulada inadequadamente na sua conversa e sabe avisar outra pessoa como ela chama algo que conheceu (menina fala NÉ, ALI e chama sua tia pelo nome ODI), mas os desejos dela a família compreende muito claramente, na repetição da solicitação de algo, a preferência dessa menina a família procura pouco a saber o que realmente a menina deseja, a família não busca essa menina para ter maior interação com suas outras pequenas e para outras famílias que moram em outra aldeia, somente convive na aldeia de sua família materna é ali que interage com outras meninas, essa menina frequenta ainda atendimento clínico na cidade capital Cuiabá, ela também não foi matriculada ainda na escola do estado.

A escola do estado localizada na aldeia da menina, algumas alunas e alunos de menor idade 3 e 4 não são matriculadas, somente a partir do 5 anos e 6 anos de idade. Talvez a ordem do estado ou ninguém foi atrás para matricular essa menina Karine. Dessa menina é cuidado diariamente de sua avó e avô e mais uma tia dela que dá maior atenção e orienta ela para não se causar no perigo, várias vezes a menina sente muita falta de sua tia, assim que a tia vai para o rio, a Karine começa logo a chorar e querendo acompanhar sua tia até o rio, mas a avó e avô até o tio materno dela e a tia proibiram. Mas ela conseguia acompanhar sua tia e ficar bastante tempo no rio, aguardando sua tia acabar trabalho de lavagem das roupas ou outras coisas (panelas). A Karine apresenta a baixa visão e linguagem inadequada, em relação ao desenvolvimento físico é normal. Essa menina conhece sua família e sabe procurar apoiar com seu irmão pequeno e irmãs, ela participa nos afazeres como buscar água na torneira e entrega à casa como fica bem na frente a uma torneira e acompanhar ao rio para banhar. Ela compreende as coisas, como chamar ela pelo nome e mandar algo para fazer ou para guardar, também repete várias vezes o nome do seu pai (MAMA) e solicita algo para comer, ela come bem mas precisa bastante atenção porque as crianças se batem, como é ruim para a família não é preciso elas brigarem na frente de sua família, na orientação ela precisa conhecer o cuidado higiene e acompanhar onde ela pode passar assim que ela precise ajuda.

10. Penhi, nascida em 2003, é identificada o diagnóstico clínico como alteração na locomoção e neurologia (DI). Apresentou a necessidade especial, que é fala inadequada e desenvolvimento físico atípico, mas entende o que pode fazer e também procura bastante ajudar sua família tanto para fazer alguma coisa em casa como dobrar as roupas de sua família da casa e também a mãe relatou que ela sabe fazer as trocas de cama, ela ia até a torneira buscar e entregar panela da cozinha. Ela gostava muito a participar em festa de

dança tradicional na comunidade, apesar da mãe dela não a deixar participar em festa, essa mulher acha que é perigo e nada para alguém fazer mal nela ou pode ser vergonha também. Também a mãe dessa menina relata que a moça fica alterada quando não recebe algo preferido ou não ganhou a moça já se revolta e apanha sua família pequena em residência onde suas famílias moram. Segundo a fala da avó dessa menina, essa anciã acha que quando chegar tempo e passou limite de raciocinar melhor e ficar bem todo dia, a moça se sentia mal. A mãe dessa menina, não acha que sua filha não deve ficar tanto parada, ela faça algo que queira. Assim, que não participa essa moça, somente ficava muito alegre e olhando a população o que fazem dançando em volta da aldeia. Essa moça utiliza o gesto caseiro e a mãe dela como mãe entende muito os desejos da filha que pede e precisa, a mãe falou se essa moça Penhi requerer mais comida, mexe sua barriga e logo a mãe compreende esse desejo da filha e também para tomar banho toca sua cabeça que precisa tomar banho e, a mãe permite a ela. De agora para a mãe da moça é bastante complicado a inclusão na escola, a mãe falou que sentia medo dela não se comportar bem dentro da sala de aula e difícil acompanhar sem transporte para ir e voltar, colocar em uma escola regular. A mãe falou que não conhece um atendimento específico e mais cuidado na escola para essas pessoas com deficiências, no futuro quem trabalhar e atender as pessoas do público alvo da educação especial, se existir esse atendimento e inclusão, a mãe dessa moça irá matricular sua filha.

11. **Dzere** - nascimento em 2006, diagnóstico clínico alteração de locomoção e neurológica (DI). Sexo masculino, que demonstra a deficiência física e mais impedida a articulação verbal e é especificamente cadeirante desde do berço que foi causado de doença e fraqueza de uma perna. Frequentava seu atendimento clínico, logo depois teve desistência de um atendimento hospitalar, mas não é atendido na escola regular, somente os pais o sustentam a vida diária de seus filho, não é participativo na sua comunidade social, mas na sua família é mais divertido assim que um indivíduo se aproxima dele em alguma ocasião, quando a pessoa estar com ele, ele tenta negar a aproximação da pessoa, nega a visita de algum, se deixa irritado por interrupção de alguém que visitou ele, porém devagar acaba se socializando com seu conhecido. Esse menino demonstra sua habilidade potencial da utilização de uma tecnologia como: celular de tirar (foto) ou bola de futebol jogando “sentado” (joga para outra pessoa), que a família ensina tudo isso para ele também se locomover no espaço adequado, dentro da casa. Pai dele tem moto e a mãe dele é dona da casa, os pais não levam para a comunidade, que seria muito importante esse menino ter acesso na população, para ele compreender a cultura da população indígena A’uwe, onde

residem, alguma vez é levado para outra aldeia de sua família e lá se socializa muito pouco com sua família. E ninguém procura colocar ele com criança de sua idade.

No caso do Dzere temos o relato do pais a respeito do filho:

“O meu filho querido especial se chama Dzere, pois ele completou 11 (onze) anos de idade neste mês de janeiro, no dia 04, por que eu e minha mulher somos responsáveis por ele, ficamos muitíssimos felizes por ter chegado ao dia de nascimento dele, graças a Deus apesar de dificuldade, mas aprendemos juntos as coisas que não entendemos a fala dele, mas sim tentamos o melhor possível para ele, portanto cuidamos com muito amor.

No primeiro dia de nascimento não notamos, pois não apresentou nenhum sinal que representaria a deficiência. Era como uma criança normal, engatinhando, sorrindo, brincando, quando deu primeiro passo a se levantar, tentar a ficar em pé, caia, mas eu e minha mulher ensinamos a andar com apoio de parede, andava, mas quando o pezinho estava cada vez se entornando, sentia a dor imensa, ai não consegue mais andar e nem levantar apenas só sentando a gente toma conta de tudo, sabe comer sozinho, beber água, brinca. Segundo médico; que quadril está muito fraco e outro os pés estão tortos. Fala só algumas palavras curtas, ele mesmo também cria a palavra que nós entendemos, o pedido de alguma coisa. Mas estamos lutando e ensinar palavras básicas.

Ele realmente fica assistindo a TV, DVs, após o café da manhã, às vezes, eu lendo o livro pra ele, ai junto à leitura que faço dormia tranquilo e fora desse gosta de brincar com água, ele adora. Ele gosta de jogar bola, ele joga bola pra você e você joga pra ele, esse tipo de futebol através desse se diverte bastante, sempre gosta de ser goleiro pelo que eu vejo e outro adora games no celular.

Procuramos a escola e matriculamos na rede municipal que existe dentro da nossa aldeia, daí tomo conta tento ajudar com pai ao mesmo tempo educar se for preciso, mas sim realmente merece a educar semelhante à pessoa normal.

Adorei esta conversa pelo menos estou compartilhando a minha experiência de vida como cuidar da criança especial.”

3.3.1 Conhecendo mais sobre criança Karine e sua família

A família de Eudócio Tserewiwe e Vanilda Ró 'ódziha é composta por quatro filhas e um filho, sendo:

- Maria Anciela Tsinhotsê 'ê 'Îpe, a primeira filha, tem 8 anos de idade, nascida em 27 de Abril de 2013. Ela já começou a estudar no Ensino Fundamental. Essa menina trabalha muito, sabe carregar coisas pesadas na cesta, como as garrafas de pet para levar até o rio, acompanhando as tias dela, depois se sente cansada e pede alguma coisa ou celular, a brincadeira e a comida doce. De manhã, a Maria assim que acorda deita novamente ao lado dos pais e solicita um celular para assistir vídeos, ela mexe no celular mesmo não sabendo lidar com alguma informação. Ainda de manhã faz alguns trabalhos após o café da manhã, busca água da torneira ou do rio, assim que volta procura comer algo, brincar ou usar o celular. Todas utilizam o celular, menos a Karine, mas em alguns dias assistem juntas uns vídeos no celular. Essa menina está começando a fazer comida ou fazer café, mas ainda é proibida pela mãe de cozinhar sozinha, ela está aprendendo a esquentar pães. Maria se move muito fisicamente, corre muito e aprendeu a jogar bola com outras e outros. Essa menina fala a língua materna A'uwe e está querendo saber a língua portuguesa, ela não é alfabetizada ainda, sabe um pouco contar os números, sabe algumas cores, sabe tamanho. Lembra de algo que ocorre, sabe mentir, sabe informar e “zoar” com outras e outros pequenos.

- Karine 'Rêdzarebe tem 6 anos de idade, nasceu em 29 Junho de 2014.

- Adriana Maria Pe 'rutuwê tem 5 anos de idade, nasceu em 16 de Setembro de 2015.

- Nassim John Ed Wi 'i tem 3 anos de idade, nasceu em 24 de Junho de 2017.

- Vânia Corsi Ró 'óuptó tem 1 ano de idade, nasceu em 4 de Agosto de 2019.

Figura 18 – Filhas e Filho



Fonte: Arquivo pessoal

Karine

Karine Rêdzarebe nasceu no dia 29 de Junho de 2014 , filha de Eudócio Tserewiwe e Vanilda Ró 'ódziha. Atualmente, a menina tem 6 anos de idade, reside na aldeia Santa Bertila

com sua família, na mesma região de maior população que é a de Sangradouro. Ela nasceu no hospital da cidade de Primavera do Leste, Mato Grosso.

Ao nascer, Karine aparentava uma diferença no formato dos olhos. Com o passar dos meses, apresentou dificuldades para se levantar, andar e falar. Em 2017, com 3 anos, ela foi clinicamente diagnosticada como criança com seqüela Neurológica e teve atendimento clínico em Cuiabá por dois anos, com médico oftalmologista.

Somente no ano de 2020, ela foi matriculada numa escola regular do estado na aldeia em que mora, a mesma dos avós. Segundo relato da avó, a Karine tinha apenas entrado em sala de aula, mas nunca foi dada uma aula para ela, pois devido à Pandemia de Covid 19 as aulas foram suspensas. A avó falou que a Karine aprendeu a pronunciar algumas letras, mas não memorizou a escrita dos nomes das coisas.

Karine sabe brincar com sua irmãzinha e irmãozinho, sabe ficar impaciente quando alguém não para de falar mal e irritar ela. Ela realiza trabalhos fáceis, como buscar água, participa com as outras meninas quando vão para outro lugar e as brincadeiras em casa ou fora de casa. Ela sabe brincar quando outra menina brinca com ela e ela já solta o riso, a menina cata as frutas que tem semente como a bocaiuva e outras, ela sabe tirar a semente e comer ou passar para outra pessoa que ela conhece. Quando ela bate para tirar semente da bocaiuva ela se cansa, sente dores na mão, e procura ou espera uma ajuda de outras pessoas ou do pai.

Essa menina sabe ficar sem paciência e fala para a outra ou outro para não mexer com ela, ou também ela brinca com quem está brincando com ela. Ela reconhece o nome dos cachorros e sabe o nome das pessoas conhecidas das famílias, mas fala de forma diferente. A Karine chora quando alguém grita alto com ela para não fazer aquilo que não pode, apesar de que ela não define o que foi e quem foi que gritou com ela. Essa menina sabe solicitar algo mesmo de forma diferente do normal, quando ela precisa buscar água ou acompanhar a tia ao rio. Sabe também o barulho do carro dos avós, quando chega à casa, ela chama seus avós como mãe e pai. Ela conversa bastante por si mesma e ninguém sabe o porque. O que ela precisa, aponta para que alguém pegue. A menina, quando vai para o rio, na volta carrega as panelas leves.

Em relação ao desenvolvimento físico, foi evoluindo bastante e hoje ela participa dos afazeres como buscar água na torneira e entregar na casa que fica bem na frente de uma torneira e acompanhar a tia ao rio para se banhar.

Ela demonstra claramente sua característica específica de deficiência visual, com baixa visão e um atraso no desenvolvimento da fala. A menina tenta conversar e criar suas próprias palavras, porém é possível compreender a fala da menina. Ela memoriza alguma fala de outra

criança e quando dizem algum nome ela repete quando se lembra. Por exemplo, o nome Blaudino, ela repete esse nome como BLA, parece que ela gosta de repetir, para a família é normal.

De manhã, ela acorda cedo e recebe café, ela gosta muito de tomar bastante café e ela precisa repetir, só que as tias não deixam tomar muito café. Ela chama também o pai, a tia e a mãe, dá para entender que está querendo repetir o café, mas não é permitido que tome muito. Ela chama pai como “mâmã” e a mãe como “amé”, a tia fala para a menina que não combina chamar seu pai de pai, pois costuma chamar o avô de pai, é zoeira da tia mas é real.

Em um dia, após o café da manhã, por algumas horas, ela brincou com uma fruta (TÔMÕTI), fruta verde de cerrado, que a criança costuma brincar. Furam ela com um galho e brincam como pião. A menina Karine soube muito bem girar o TÔMÕTI sobre um pedaço da folha e ela chama pai para ver: “mama, ehe?” (“olha pai, viu?”) e o pai responde: “ihe” (sim). Ela não conseguia furar a pequena fruta, precisou pedir ajuda.

Na hora do almoço, quando ela almoça junto com o pai e irmãs, já sabe que os gatos provocam quando ficam ao lado dela, ela grita: “pata” (passa – sai). Na nossa língua, chamamos gato de mimi. Karine fala: “mimiwe ãhã” (mimi estão aqui), avisando o pai para mandar embora os gatos. E os cachorros ela também sabe mandar embora e chamar pelo nome (Bobi e Bingo) esse nome ela sabe chamar e falar para o pai mandar os cachorros saírem. A Karine sabe gritar também a sua irmã Adriana (PERUTUWE), apesar de não pronunciar certo o nome indígena, falta pronunciar a letra R, ela coloca a letra W (PEWU). A família entende a pronuncia dos nomes e dos nomes dos animais. Ela somente grita para sua irmã parar de cutucar, não chama, não fala para sua irmã parar, e a família fala para as meninas que não podem gritar. Ela sabe gritar quando alguém está “zoando” e ela não gosta. A Karine também chama “Nati”, ela quis chamar como Nassim o seu irmãozinho.

A Karine também joga água da garrafa e aponta, sem falar, para ir buscar água na torneira. Sabe ajudar suas outras irmãs pequenas a buscar água na torneira, e quando pedem para ela ir junto, ela acompanha. Carregar peso a Karine não consegue ainda, quando a cesta está cheia de garrafa, Karine precisa de apoio. Quando ela vê alguma comida, limão ou outra coisa, a menina chama o pai (“mama”), que entende que ela precisa de algo que viu com o pai ou a tia, se é algo para comer é dividido com ela. Às vezes, sem avisar, ela pega algo que gosta, como o leite. Quando percebe a comida quente, ela procura alguém para esfriar a comida para ela.

Ela gosta muito de café e trigo e solicita do pai ou de alguém um café para tomar, ela diz “capé” para café. Às vezes, pega a garrafa de café e coloca para o seu pai, sem ele pedir.

Quando ele fala a ela: “que surpresa, ela pegou o café para o pai”, ela somente solta o riso. Vendo alguém bebendo ou comendo algo, ela já pede também. Karine quase não para de tomar café e comer algo. Mas não é permitido para ela comer tanto. Quando se pergunta a ela o que gosta de comer, ela quase nada responde daquilo que gosta.

Um dia, ela estava observando a mãe cozinhando, fazendo café. Depois foi sentar na cadeira com o pai, após cinco segundos o pai tirou foto com ela e a Karine soltando o riso, parecendo gostar. Logo depois pegou a caneta do pai e ficou rabiscando um caderno, quando é elogiada se diverte soltando riso.

O grito da Karine era para “atsiptete” (força) , mas ela gritava “ahitete”. Ao brincarem de Dató wedenhõrõna (corda de empurro), as outras meninas chamaram Karine para brincarem juntas. A brincadeira é as meninas segurando a corda, uma de cada lado, ganha quem consegue puxar seu adversário, só quando passa a linha é ganhador. A Karine precisa de conselho para entender como brincar, quando somente ela segurava a corda e puxava parecia sentir vergonha ainda.

Desde os 3 anos de idade, Karine vem mudando, superando a dificuldade de participar com as pequenas na brincadeira, a falar e responder o que ela entende. Outras pessoas achavam que ela não ia aprender a falar na frente das pessoas mais velhas, mas ela demonstra saber falar de algumas coisas que sabe. Quando não tem alguém para brincar ela fala e grita para alguém responder.

Karine dorme junto com os avós. Às vezes, ela não consegue esperar para usar o banheiro. Como ainda não consegue se arrumar sozinha, a avó manda sua filha dar banho nela e trocar a roupa. A Karine até consegue se arrumar, mas precisa de orientação sobre a vestimenta e onde está a sacola dela. Várias vezes ela bagunça as roupas no chão, jogando as roupas para ver qual ela prefere. A Karine precisa muito melhorar nos cuidados e higiene pessoal.

Pequenos registros de observação da Karine:

Dia 06/02/21 - Hoje também a Karine acordou muito cedo, às 06 horas, e foi atrás do pai. Ela achou que ele tivesse procurado alguma comida, mas o pai estava arrumando o quarto.

Dia 13/02/21 - Nessa data, na hora do almoço, a Karine surpreendentemente chamou sua irmã para vir almoçar, chamou assim: “zarrowi”, que se chama indigenamente “Dzahori”, para ir almoçar.

Dia 15/02/21 - Nessa manhã Karine encontrou o pai bem cedo. Ele a chamou para lavar os copos juntos, a menina acompanhou a ordem do pai, foram lavaram copos sujos, o pai primeiro e depois ela, ela passa o sabão com esponja e o pai lava com água de garrafa de pet e aguarda. Após isso, o pai estava dentro de casa, de repente a menina gritou chamando o pai para abrir a tampa de garrafa pet e o pai abriu para ela. Essa menina ainda joga muita água para lavar o copo, ainda precisa orientação a jogar um pouco só de água para lavar um copo. Logo depois disso ela mesma pegou os talheres sujos para lavar.

Dia 22/02/21 - Neste dia a Karine fez sozinha a levar uma garrafa de 4 litro numa cesta pequena para buscar água na torneira. Na hora seguinte ela quis lavar as panelas plásticas mas não permitiu o pai dela. A tarde ela sabe as bolitas para jogar, apesar ela ainda não soube jogar direitinho, sabe colher bolitas em sacola, as bolitas são usadas não novos e não bonitas. Ela conhece chocolate. Hoje na hora da janta a Karine sabe o que o pai segura e ela viu irmão pegando copo para pegar suco e ela pegou um copo e gritou acenando copo que já tinha pegado para suco.

Dia 23/02/21 - Hoje 23 pela manhã bem cedo a Karine veio chamar e acordar a sua tia, chamou pelo nome indígena Upi, e batendo a porta. Também ela sabe brincar de pega pega com sua pequena prima e irmão, elas correndo rodeando na frente da casa. Ela sabe pedir e falar “Não”, assim que o tio materno brinque com ela. Após o horário do almoço crianças brincaram de uma brincadeira a perna só vai correndo em uma pouca distância, o correr para quem é rápido e quem chega primeiro, a Karine chamou sua irmã mais velha pedindo ela brincar participar, ela gritando ZARROWI, nome indígena da Anciela Dzahori e ela foi incluída na brincadeira mesmo ela só correndo e se divertiu, não soube ainda correr em uma perna só.

Pela manhã sempre ela acorda bem muito cedo mas fica esperando a avó dela para ir junto banhar ao rio, apesar ela só escuta quem chama para ir banhar, ela só escuta a chamada, logo depois ela some e mais tarde vai tomar banho, ninguém soube o porque ou ela não quis tomar banho cedo. Na hora do almoço ela viu o suco, já é servida mas precisou novamente. O pai dela fala que já tomou e não repetir, mas ela insistia, se ela ficar satisfeita da comida sabe chamar sua outra para comer. Hoje em dia ainda a Karine brincou com uma boneca sozinha, o pai se sentou com ela e ela chamou precisando ajuda para colocar a roupa da boneca, e andou segurando a boneca.

Dia 25/02/21 - bem na hora do almoço a menina Karine soube inventar a brincadeira com sua irmã Vânia que vai chamando como Ó Ó a verbalidade da Karine que quer dizer Ró ó nome indígena da Vânia, a Karine fica cutucando sua irmã, a pequena Vânia fica um pouco de paciência logo ela grita se parecendo que não gostou da Karine mexer e brincar com ela.

Dia 26/02/21 - bem cedo como a Karine sempre acorda cedo foi direto a casa da mãe, abriu o fogão pegou a comida e saiu para fora chamou o gato, cachorro pelo nome e a galinhas, ela Karine jogando arroz que amanheceu sobrando e, gritando para eles correrem rápido, entrou na casa perguntou o pai que viu se é dele o notebook que estava na mesa e ela ia abrir mas o pai não permitiu para ela não mexer e que estava carregando e a menina parou. Logo depois disso ela foi brincando colhendo as garrafas e vasilhas, brincando falando com uma boneca. Ela dorme com avós em outra casa separada da mãe, porque se não for assim ela chora, e de lá ela vai para casa da mãe bem muito cedo. Hoje bem antes do horário do almoço Karine junto com sua irmã Adriana inventaram a dança que o pai delas escutou, pela manhã essa menina Karine não queria ir ao rio com a tia, ela sabia não ir tomar banho, talvez ela não quis banhar, ninguém soube disso. Ela ainda não aprende limpar coisa no nariz, precisa mais ainda a uma orientação e apoio. De vez em quando lembra a pegar um enquanto o pai estava na mesa trabalhando de manhã ela mesma foi buscar café para o pai, antes ela foi lavar os copos sujos e os plásticos.

Dia 01/03/21 - a tarde quando não teve ninguém em casa a Karine foi a casa da mãe procurou achar uma coisa e pegou um salgadinho sobrado da irmã pequena, várias vezes ela já fez essa coisa, assim que ninguém fique em casa ela mexendo a mala da sua mãe, quando soubemos ouvimos que tirou um salgadinho e o pai chamou ela ir se aproximar ao pai apesar a menina talvez saiba que o pai vai falar sobre o que e para que ela mexeu a mala onde as coisinhas são guardadas e a Karine não obedeceu o pai que chamou para perguntar do roubo dela.

A partir desses relatos sobre a Karine foram sugeridas algumas ações dirigidas, buscando auxiliar no desenvolvimento na menina. Essas sugestões vieram do diálogo de Eudócio com a orientadora e co-orientadora de TCC.

3.3.2 Ações sugeridas:

Pedir para Karine falar sobre o que faz. Perguntar todo dia o que ela comeu no almoço, no café da manhã e no jantar. Filmar uma vez. Perguntar o que ela fez quando foi no rio, quem foi.

Pela manhã a Karine foi buscar água na torneira com a sua irmã Anciela, ela tomou banho e quando era para voltar para casa ela ia esquecer da garrafa cheia de água que buscou, mas a irmã lembrou e chamou ela pegar e a Kari foi pegar. Na manhã no café a menina Kari tomou e precisou mais café, ela chamando o pai e pegou um copo. (Karine: “pai capé”) e o pai

deu a ela um café, depois de ela tomar chamou o pai que já tomou e o pai falou para ela deixar um copo na sujeira. Ela entende o pedido dos avós para ela deixar panela vazia.

Para o pai a Karine ainda representa a dificuldade de responder algo o que ela fez e explicar onde foi, apesar mesmo ela não é avisada para realizar o que vai fazer, ela mesma chama o pai ou a mãe e tia para ela poder levar as garrafas de pete vazias para buscar água e vai precisar uma cestinha para carregar garrafas vazia. Assim ela realiza trabalho que precisa. No dia 01 à tarde no centrinho da aldeia Santa Bertila onde mora a Karine, neste período as crianças meninas apresentaram imitação o canto dos adultos o canto da festa, rodaram (canto, Murinha ó ó aimro ahoiwebö). Neste momento a Karine participou e cantou mesmo ela entende muito pouco a imitar o canto das outras. Quando é perguntada a Karine ela tem dificuldade de retomar a resposta sobre com quem participou na brincadeira, portanto ela sabe brincar junto e chamar suas outras pelo nome, e sabe o que ela pode fazer o que precisa. O pai canta para a Karine ela imita e entende a dança com a orientação. Ela precisa compreender o canto para cantar sozinha e a dança ela lembra.

No dia 10 de abril 2021, a tarde às 14 horas a menina Karine ia buscar água colocou bastante a garrafa de pet vazia numa cesta grande, mas a tia não permitiu e a Karine negou levar pouca garrafa, ela quis levar todas, a tia não deixou a Karine levar bastante garrafas e por isso a Karine chorou em pouco segundo, mas levou o que precisou.

Higiene Pessoal - Neste dia 12 de abril pela manhã, a Karine entende trocar roupa suja quando é falado para trocar, ela mesma também sabe se arrumar mas vai procurando conseguir a roupa preferida ou alguém pode pegar para ela. Ela conhece lavar as mãos sozinha e quando ela ve alguém lavando a mão Karine também imita e lembra após de comer algo, escovar dente é complicado e é preciso a orientação para ela, os dentes dela já se foram quase todos. Se limpar no nariz ela precisa a orientação, sozinha ela se esquece ou nem pensa se limpar. Na vista ela comendo macarrão que o vô deu a ela depois de comer tudo Karine limpou a boca com a sua roupa sem ninguém chamar avisando ela para se limpar com a outra roupa. Brincou com a sua irmã pequena ela chamou o gato andando de cima dentro da casa.

Quando a Karine foi buscar água na torneira na volta para entregar ela sentiu peso e precisou ajuda de sua irmã, duas garrafas de pet cheio numa pequena cesta. Quando a mãe chamou a Kari entregar uma água ela foi correndo gritando imitando o grito da corrida de buriti.

Desenhar - Dia 14 do 04 de 2021 nesta hora às 14, o pai da Kari brincou com ela, na primeira para a Karine tentar desenho na terra uma coisa, de primeira ela imita desenho de círculo é

pegado a mão dela e depois ela sabe imitar fazendo círculo na terra, e depois um rabisco na terra ela não conseguiu desenhar na terra. Para a Kari é preciso significar bastante e esclarecer mais o significado de uma desenho.

Montar torre com as tampas de garrafas de pet e grande tampa de garrafa, ela consegue fazer torre na hora que o pai fez ela imita e não teve paciência refazer no seguinte ordem. Ela apresentou um pouco dificuldade a deixar reto tampas de garrafa, por isso as tampas de garrafas são viradas para ter seguro assim ela consegue montar e após ela realizar é aplaudida ela também bate a palma.

Dançar e Cantar em um canto tradicional A uwê a Karine memoriza a dançar menos o canto, apesar ela imita mesmo ela não soube o cantar, para poder cantar certamente, ela somente solta a boca.

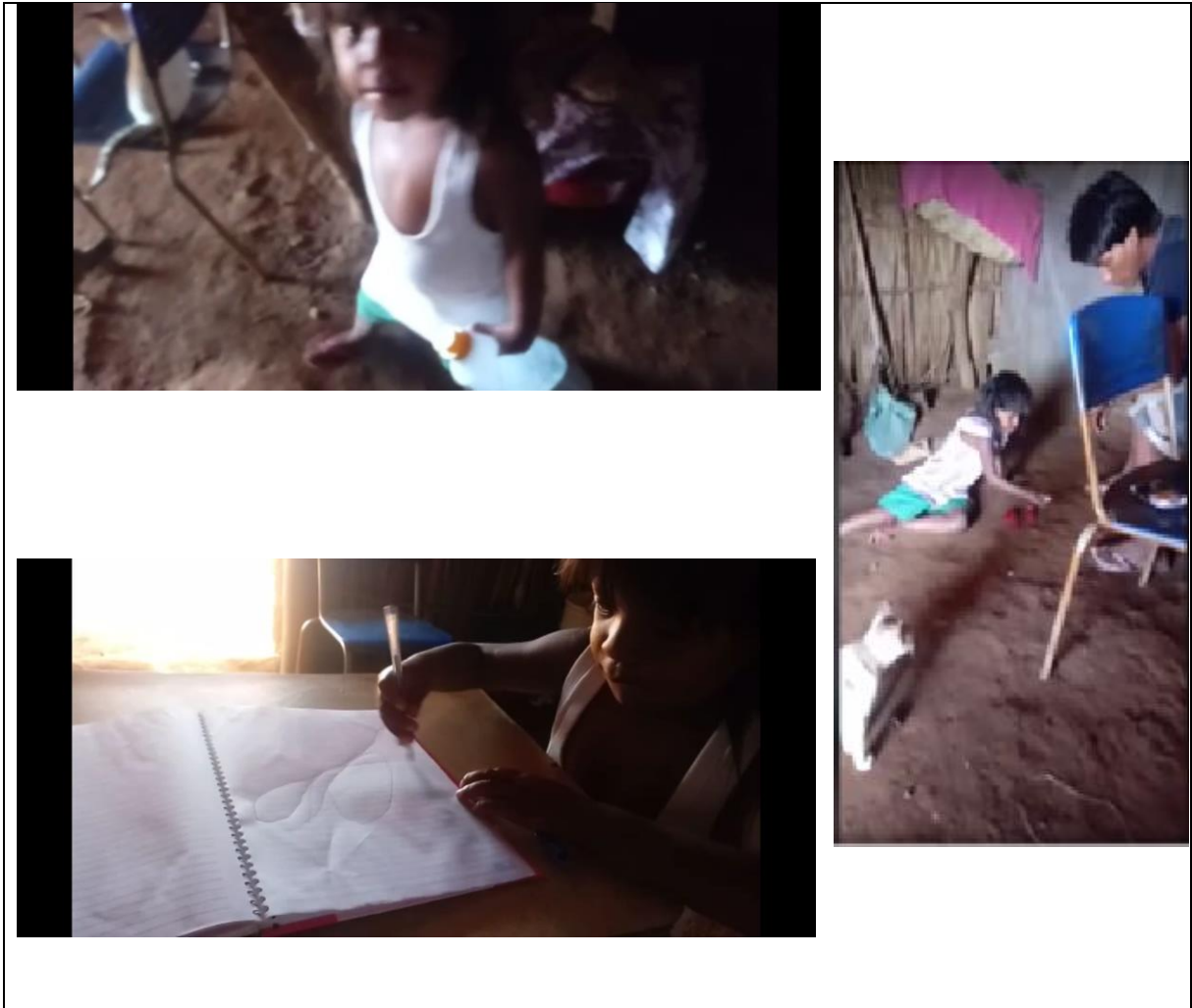
Contar história, para a Karine ela precisa mais ainda a orientação para ela poder prestar atenção e ouvir a história, é preciso um tempo para ela conseguir participar e ouvir a história.

Contas coloridas - Para a Karine contar coloridas ela precisa mais a atividades. Ela precisa aprender cores para ela conseguir separar e contar o quanto tem cores diversas.

Separar cores - Separar cores é muita coisa ainda para a karine ela precisa saber a separação da colorida de diversas cores.

Aprender diferentes tamanhos - Ela já soube um pouco a diferença do tamanho das coisas, mas ainda ela precisa a orientação dela saber o tamanho do maior e do menor, às vezes ela precisa levar muita garrafa e ela sabe o pequeno da comida porque é pouco.

Figura 19 - Atividades da Karine



Fonte: Arquivo pessoal

Para finalizar

Este relato de vivências e observações permite ver como é a aldeia Sangradouro e um pouco como é a vida A'wue Xavante. A descrição das pessoas e crianças com deficiência e sua vida na aldeia nos ajudam muito a entender os modos como essas pessoas são tratadas na aldeia e como poderiam ser se a comunidade tiver mais informação de que essas pessoas podem e devem estar junto com as demais para se desenvolverem.

É muito importante que um Xavante tenha estudado Educação Especial. Ele pode ajudar a aldeia a pensar sobre isso e atuar na escola para melhor atender o público alvo da Educação Especial na aldeia.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Referencial curricular nacional para as escolas indígenas/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.
- GIACCARIA, Bartolomeu. Ensaios. **Pedagogia Xavante**. Aprofundamento Antropológico. Campo Grande: Editora: UCDB 1990.
- MELCHIOR, Marcelo do Nascimento. **Watébrémi Xavante: Uma Aproximação Ao Mundo Da Criança Indígena**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco, 2008. Disponível em: <https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8048-watebreми-xavante-uma-aproximacao-ao-mundo-da-crianca-indigena.pdf>
- MELCHIOR, Marcelo N. História, Educação e Cultura Na Etnia Xavante Disponível: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206369_eeb998d87739fa05fa116798f0dd8280.pdf
- MENDES, Enicéia Gonçalves. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. Rev. Bras. Educ. [online]. 2006, vol.11, n.33 [cited 2020-09-08], pp.387-405. Available from: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/KgF8xDrQfyy5GwyLzGhJ67m/?lang=pt>
- TSAWEWA, Martinho Tsire Edi; ZOIA, Alceu. Algumas considerações sobre a educação da criança Xavante. **Revista Tellus**, Campo Grande, MS, ano 16, n. 30, p. 111-131, jan./jun. 2016. Disponível: <http://www.gpec.ucdb.br/projetos/tellus/index.php/tellus/article/view/379>
- TSI'RUI'A, Aquilino T. A Sociedade Xavante e a educação: um olhar sobre a escola a partir da pedagogia Xavante. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2012. Disponível: <https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8239-a-sociedade-xavante-e-a-educacao-um-olhar-sobre-a-escola-a-partir-da-pedagogia-xavante.pdf>